



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**MARCO ANTONIO CARDOSO**

**O papel da metáfora no discurso filosófico**

Maringá  
2016

MARCO ANTONIO CARDOSO

**O papel da metáfora no discurso filosófico**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como condição parcial para a obtenção do grau de Mestre em Filosofia sob a orientação do Prof. (a) Dr. Cristiano Périus

Este exemplar corresponde à versão definitiva da dissertação aprovada perante Banca Examinadora.

Maringá

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

(Biblioteca Central - UEM, Maringá PR., Brasil)

Cardoso, Marco Antonio

C268p O papel da metáfora no discurso  
filosófico / Marco Antonio Cardoso. --  
Maringá, 2016.

101 f.

Orientador: Prof. Dr. Cristiano Périus.

Dissertação ( Mestrado em Educação)-  
Universidade Estadual de Maringá. Centro de  
Ciências Humanas, Letras e Artes.  
Departamento de Filosofia. Programa de Pós-  
graduação em Filosofia.

1. Filosofia da linguagem. 2. Ricoeur,  
Paul - 1913-2005 - Hermenêutica.

3. Discurso filosófico - Metáfora.

4. Estética. I. Périus, Cristiano, orient.  
II. Universidade Estadual de Maringá. Centro  
de Ciências Humanas, Letras e Artes.  
Departamento de Filosofia. Programa de Pós-  
graduação em Filosofia.

121.68 21.ed.

Cicilia Conceição de Maria

CRB9- 1066

CC-003163

## O papel da metáfora no discurso filosófico

### RESUMO

Este trabalho discute a relação entre metáfora e filosofia, em particular, o papel da metáfora no discurso filosófico. Longe de ser clara, esta relação é considerada, por certa tradição, incompatível. Por outro lado, os que aceitam a metáfora no discurso filosófico podem ser divididos em dois grandes grupos: o primeiro considera a metáfora simplesmente como ornamento ao texto, não contribuindo à aquisição de conhecimento, como Donald Davidson; o segundo eleva o alcance da metáfora muito além de um estilo literário. A teoria moderna da metáfora, elaborada por Ivor Armstrong Richards, Max Black, Monroe Beardsley, entre outros, pondera atingir a cognição pelo uso metafórico, pois promove a mudança da teoria retórica da substituição para uma teoria semântica da interação. Neste trabalho busca-se analisar a metáfora utilizando como guia os estudos de Paul Ricoeur, que concorda em parte com o segundo grupo de autores, principalmente no que concerne a teoria semântica, uma vez que, ao contrário da retórica cl

da metáfora- por esta tradição. Desse modo, a referência metafórica da palavra é deslocada para a frase como um todo, não sendo mais meramente lexical. O estudo de Paul Ricoeur demonstra claramente os pontos de vista clássicos da teoria da metáfora e os recoloca em um novo patamar, que é a progressão da palavra à frase e da frase ao discurso. Ele estabelece a teoria da interação como a mais viável para explicar o uso de termos metafóricos no texto, porém, sua interpretação vai além da frase, seu alcance é o discurso, e discurso sendo entendido como o espaço comum entre a teoria da metáfora e a teoria do texto. Sua teoria da metáfora auxilia na compreensão da filosofia hermenêutica.

**Palavras-chave:** Metáfora; Paul Ricoeur; Discurso filosófico; Estética; Filosofia da linguagem.

# The role of metaphor in philosophical discourse

## ABSTRACT

The relation between metaphor and philosophy is far from being clear, being considered by some authors as incompatible. Those who accept the metaphor in the philosophical discourse can be divided in two groups: the first, which considers the metaphor as an ornament in the text, not contributing to the acquisition of knowledge, and the second,

metaphor, created by Irvor Armstrong Richards, Max Black, Monroe Beardsley, and s the exchange of the substitution rhetorical theory to an interaction semantic theory. This paper intends to analyse metaphor guided by the studies of Paul Ricoeur. The author agrees partially with the cited authors, especially in the semantic theory, which, contrary to classic -word

Thus, the metaphorical reference is shifted to the sentence as a whole, not being merely lexical. The study of Paul Ricoeur demonstrates clearly the classical points of view and relocates them to a new level: the progression of word to sentence and sentence to discourse. He establishes the interaction theory as the most viable to explain the use of metaphorical terms in a text, nevertheless, his interpretation goes beyond the sentence, its reach is the discourse, and discourse understood as the common space between the metaphor theory and the hermeneutic theory.

**Keywords:** Metaphor; Paul Ricoeur; Philosophical Discourse; Aesthetics; Philosophy of Language.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO ..... 07

### PRIMEIRO CAPÍTULO

1. O DISCURSO E A LINGUAGEM .....	13
1.1. METÁFORA - FIGURA DE LINGUAGEM .....	15
1.2. DISCURSO – FALA, ESCRITA E NARRATIVA ..	19
1.3. IMAGINAÇÃO E HERMENÊUTICA.....	29
1.4. NIETZSCHE E O PROBLEMA DA LINGUAGEM.....	34

### SEGUNDO CAPÍTULO

2. A METÁFORA EM RICOEUR.....	46
2.1. O GRAU ZERO DA METÁFORA.....	64
2.2. O CARÁTER ICÔNICO DA METÁFORA.....	68
2.3. HERMENÊUTICA E METÁFORA.....	73

### TERCEIRO CAPÍTULO

3. A PARTICIPAÇÃO DA METÁFORA NO DISCURSO FILOSÓFICO.....	81
3.1. ESQUEMATIZAÇÃO DA ASSIMILAÇÃO PREDICATIVA E O “INSIGHT” .....	82
3.2. MITOLOGIA BRANCA E A METÁFORA VIVA.....	84
4. CONCLUSÃO.....	96
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	99

MARCO ANTONIO CARDOSO

**O papel da metáfora no discurso filosófico**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia pela comissão julgadora composta pelos membros.

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. Cristiano Perius  
Departamento de Filosofia Universidade Estadual de Maringá (Presidente)

Prof. Dr. Alfredo Antônio Fernandes  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Dr. Rodrigo Hayasi Pinto  
Pontífice Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Dedico este Trabalho a Minha esposa Rosilene e a meus filhos: Andreia, Carolina e Marcelo, que contribuíram de muitas maneiras à realização deste.



## AGRADECIMENTOS

Nesta página muito especial deste trabalho, gostaria de agradecer algumas pessoas, dentre as muitas que me ajudaram a realizá-lo.

Em especial à minha família que sempre estiveram presentes em minha vida, meus pais, irmãos, esposa e filhos.

Aos amigos sempre presentes em minha graduação, em especial Rogério Lopes e Victor Hugo Mazia, que serviram de modelo de esforço e dedicação.

Aos professores que muito auxiliaram em minha caminhada

*Il ne peut y avoir de totalité de la communication. Or la communication serait la vérité si elle était totale.*

Paul Ricoeur

## **INTRODUÇÃO**

A metáfora sempre foi um tema intrigante, principalmente pelo número de concepções diferentes, servindo aos mais diversos interesses. Em meio a muitas concepções, quais são as teorias mais importantes? Deve-se conceber a metáfora como objeto de pesquisa filosófica? A metáfora é percebida como uma representação, por todas as ideias, e assim categorizada pela linguística como uma Figura de linguagem. Devido a isso, certa tradição interpretativa não a vê como possibilidade filosófica, ou melhor, só a aceita se esta não promover outro sentido que o literal fornecido pela palavra utilizada. Nessa direção, Frege define o pensamento como o significado de uma frase completa, onde não cabe a imagem como participante na formação do conceito. Enquanto Nietzsche aponta a metáfora como uma solução na deficiência e inflexibilidade da gramática, isto é, auxilia a clareza do que se quer dizer. Outros autores, como Max Black, Beardsley e Richards também defendem, além da clareza, a metáfora como um instrumento cognitivo e, assim, esta enriquece a filosofia. Mas, além desses, tem-se outro modo de considerar a metáfora, pois a imaginação, ponderando-a como auxiliar no entendimento do discurso, encontra abrigo na hermenêutica ricœuriana.

posição conceitual, cuja avaliação sobre o que é a metáfora julga-a estranha ao texto filosófico, quando o pensar por imagens não é reconhecido como oportuno ao pensamento especulativo. O paradoxo apresentado por Ricoeur (2005, p. 442) é significativo: , pois, para conceituar a metáfora, se faz necessária a própria metáfora. Ora, a construção de um conceito, da mesma forma, não recorre às imagens? O recurso à imagem põe em xeque o conceito de filosofia, desde Aristóteles, passando pelos modernos e alcançando muitos contemporâneos, visto que há uma tradição na filosofia que dá por certo que o filosófico é o pensar por palavras e não por imagens. Se é assim, isto é, se a metáfora não faz parte do discurso filosófico, então o que se entende por filosofia é controverso, visto que, apesar das restrições, todos filósofos fazem uso da metáfora. Quem não conhece a alegoria da caverna de Platão?<sup>1</sup> Essa é a razão pela qual alguns estudiosos busquem um conceito de metáfora filosófica. Mas, se há metáfora filosófica e metáfora não filosófica, o que as diferencia? Uma trabalharia com a imagem e outra não? Qual é o estatuto da metáfora e da filosofia? O uso da metafórica na literatura e na filosofia compartilha a mesma prática? Há produção de conceitos a partir de imagens e, em caso afirmativo, como ela acontece? Imagem e conceito são contundentemente estranhos um ao outro ou se comunicam? Essas dúvidas, entre outras, procuramos elucidar no primeiro capítulo deste estudo.

E frente a esses apontamentos, o autor que, a nosso ver, conjuga alguma solução a essa colcha de retalhos é Paul Ricoeur, que, sem tentar destruir os conceitos alheios e a celeuma criada a partir do tema, busca destacar aspectos conciliatórios entre as diversas teorias que a primeira vista parecem contraditórias, mostrando que, em alguns aspectos, além de semelhantes, levam ao mesmo fim. Ao contrário daqueles que, como Donald Davidson<sup>2</sup>, permanecem em embate contínuo sobre a literalidade da metáfora, discordando daqueles que pressupõem um outro sentido que não o literal para o metafórico, e de críticos literários como Paul de Man, que afirma que a metáfora sempre está presente em todos discursos humanos<sup>3</sup>, Ricoeur transita facilmente entre os mais diferentes teóricos sobre a metáfora. Apresenta-a de modo diverso, talvez por ter formação em áreas divergentes, como a teologia, a filosofia e a linguística, que estudam

---

<sup>1</sup> Alguns autores citam a alegoria da caverna como sendo uma metáfora filosófica. Onde Platão por intermédio de uma história (metáfora) faz analogia com a realidade.

<sup>2</sup> O que as metáforas significam, in: Sacks 1992, p. 35

<sup>3</sup> A epistemologia da metáfora, in: Sacks, 1992, p.19.

a metáfora com enfoques variados, buscando conciliar os diversos pareceres, enaltecendo a criatividade e a sagacidade de cada um dos autores que se dedicaram ao tema. É curioso o modo como Ricoeur transita entre extremos expostos e diferentes autores. Seu percurso filosófico perpassa o estruturalismo, método marcante na filosofia das décadas de 60 e início de 70 na França, e o método analítico, quando leciona em outros países, principalmente Estados Unidos. O que fez com que ele, segundo Pellaueur (2007, p. 64) considerasse

seja, apresenta-se à altura de algumas das principais linhas de estudos filosóficos da contemporaneidade. Esse percurso resulta na elaboração de *Para Uma Fenomenologia Hermenêutica* e *Da Hermenêutica Dos Textos à Hermenêutica da Ação*, textos que representam a filosofia contemporânea com a concepção de hermenêutica, que opera a complementação entre o compreender e o explicar. Sua concepção hermenêutica enaltece a imaginação como fator importante na compreensão do discurso filosófico. Isso fez com que adotássemos Ricoeur como principal teórico na fundamentação do corrente estudo.

Outro ponto a ser esclarecido é o de objeto de pesquisa, uma vez que a pesquisa em filosofia, como nas ciências, deve iniciar pelo recorte de seu tema de investigação. E isso se faz a partir dos conceitos envolvidos com esse tema, conceitos que o definem como tal. Pensando desse modo, como determinar um objeto de estudo que não pode ser determinado, já que são muitos os conceitos sobre metáfora? Se o objeto é definido a partir de uma linha de pensamento, deixa descoberto outros tantos que a definem diferentemente, como será visto em detalhes mais adiante. Nesse sentido, um lugar comum entre pesquisadores em filosofia é privilegiar um certo entendimento e, a partir deste, discutir o tema. Porém, dessa forma, conseguiríamos alcançar o almejado, ou estaríamos sujeitos a uma visão de metáfora conforme diferentes faces e interesses? Mas a escolha de um entendimento consensual sobre a metáfora é, por ser aceito por um grande número de filósofos, satisfatório? Isto é, o entendimento em conformidade com um juízo, se é verdade que é possível, é desejável? Os incontáveis conceitos e estudos demonstram que é impossível trabalhar a metáfora como uma, e justamente esse olhar sobre algo múltiplo é que ocupa o segundo capítulo deste estudo. Nosso pressuposto é o de que o consenso pode ser limitado e limitante, razão pela qual a falta de consenso é mais interessante.



## **PRIMEIRO CAPÍTULO**



## **A METÁFORA NO DISCURSO FILOSÓFICO**

A associação entre metáfora e a proposição filosófica está longe de ser clara,

. Além disso, infere que o pensamento se faz de forma sentencial e assertiva ou interrogativa, aquilo que na ciência é designado hipótese. O pensamento, segundo ele, pode ser expresso por sentenças que tenham conteúdo, como é o caso das assertivas, porém, as interrogativas também têm conteúdo, desde que se apresentem

Ou seja, o pensamento de modo algum se faz por imagens, mas sim por sentenças. O sentido e a referência fazem alusão ao pensamento, sendo que o sentido é o que é apreendido pelo pensamento a partir da referência do objeto na realidade, portanto o objeto, quando apreendido, já tem seu sentido por sentenças. Esse sentido não está , é uma sentença que

racionalidade que se origina diretamente a partir da referência. Frege, assim como a tradição desde os modernos, considera a imaginação como participante de um psicologismo, ou seja, apresenta-se como subjetividade, sendo impossível determinar seu grau de verdade. Para a metáfora participar da cognição, necessariamente, a razão tem que se relacionar com a imagem. Mas como isso acontece? É possível ao conceito ser instituído com a participação da imagem? Ou estariam os conceitos de imagem e imaginação equivocados? São estas, entre outras perguntas, que tentaremos responder neste capítulo.

## METÁFORA, FIGURA DE LINGUAGEM.

A metáfora, nos manuais de gramática, é categorizada como figura de linguagem. Por definição, é o uso não convencional das categorias da linguagem, utilizado como recurso com o fim de dar maior expressividade à mensagem proferida. Notemos que, de um modo geral, os manuais deixam claro que o recurso da metáfora não acrescenta nada em cognição à mensagem. A sua contribuição seria a de tornar mais forte e realçar parte da mensagem. Seu uso, aqui, é reduzido a uma comparação subentendida, que se diferencia da comparação ordinária, por apresentar uma conjunção

como um leão

metáfora? Isto é, ao definir a metáfora como comparação subentendida, está se dando conta do que é a analogia? A resposta é negativa, pois a comparação exige o trabalho da imaginação que percebe a semelhança e a diferença, como veremos a seguir. De modo que nos será necessário, para entender o alcance da metáfora, mais do que isso. Ser-nos-á necessário o contexto onde ela está inserida, ou, ainda, por razões que explicaremos uma hermenêutica do discurso.

Com o objetivo de elucidar o estatuto da metáfora no discurso, devemos, inicialmente, discutir a tradição de leitura que contribuiu para a clivagem entre a metáfora (literatura) e o conceito (filosofia), e a concepção restrita de metáfora. Discutiremos, portanto, a partir desse momento, as fontes e as consequências filosóficas deste tema.

O princípio e a origem do problema recuam a Aristóteles. Na Grécia antiga, a metáfora foi utilizada como instrumento retórico auxiliando o convencimento do público pelo discurso. Aristóteles, em sua *Retórica*, deixa claro que a função da retórica é persuadir (1355 b)<sup>7</sup>, assim como destaca que a aprendizagem fácil é aquela que é agradável a todos, e as palavras mais agradáveis são aquelas que proporcionam o conhecimento (1410 b). Afirma que o uso de metáforas torna o texto agradável, as

---

7

descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir. Esta não é seguramente a função de nenhuma outra arte; pois cada uma das outras apenas é instrutiva e persuasiva nas áreas de sua competência; como, por exemplo, a medicina sobre a saúde e a doença, a geometria sobre as variações que afetam as grandezas, e a aritmética sobre os números; o

na frase com outro intento, como, no caso da *Poética*, é utilizada nos  
s, trazendo conhecimento, tendo visto que

conhecimento. Não que seu significado deva ser óbvio, mas, com algum esforço, rapidamente é entendido e conhecido. Resta saber se essa noção evidenciada pela metáfora é de fato cognitiva, ou melhor, como é que a metáfora produz conhecimento?

Quando se usa um termo metafórico, há a evocação de uma imagem que vai além da palavra lexicalizada, ou seja, há a intervenção de uma figura que desloca o pensamento racional ao pensamento imagético<sup>9</sup>. Antônio Candido (1996, p.90), servindo-se de Aristóteles, afirma que a metáfora e a imagem estão sob a mesma égide, o mesmo processo mental, e diferenciam-se considerando a imagem como comparação ou analogia. Pressupõe alguns elementos necessários para se considerar o termo como metáfora, são eles: a semelhança, a comparação subjetiva, a abstração, a transposição e a formação de uma nova realidade semântica de caráter simbólico.

A linguagem figurada nasce de uma inófia; mas não sucede a uma linguagem própria. O que falta é precisamente esta, que só poderá se desenvolver numa fase racional, na qual estabeleça o conhecimento das coisas pelas causas. Portanto, a linguagem figurada da poesia é a forma primordial que institui a visão do mundo, permanecendo em nosso tempo como sobrevivência. (Cândido, 1996, p.94)

Para Cândido, a metáfora supre uma deficiência da nossa língua, seja para ornamentar e deixar mais agradável, seja para expressar algo que a língua não permite, por falta de vernáculo que expresse o que se deseja, porém, complementa que a metáfora não é superior à língua em uso, é simplesmente um instrumento possível. Por aproximação, escolhe-se o mais adequado para o que se quer dizer, mas, enquanto imagem, a metáfora não estabelece o conhecimento como tal, havendo a necessidade que evolua para uma fase racional, em palavras, e só assim instituir um conhecimento.

<sup>9</sup> Ao referir a pensamento racional e pensamento imagético, refiro-me ao conceito deleuziano exemplificado por Gallo (2008) O uso da palavra como ferramenta, para além da comunicação, significou uma revolução na nossa forma de pensar. Passamos a pensar também por palavras, mais do que por imagens, o que possibilitou que se processasse o pensamento com mais rapidez, com maior rigor. A este tipo de pensamento, os antigos gregos chamaram logos, significando, a um só tempo, palavra e razão. Com isto, estabeleceram uma espécie de vínculo indissociável entre pensamento e palavra, obscurecendo o pensamento por imagens .

metáfora, contrapondo-se à imediatidade expressa por Aristóteles para que ocorra conhecimento a partir do termo metafórico. A escolha do termo metafórico precede um objetivo já traçado. O termo escolhido em algum aspecto deve apresentar semelhança com aquilo que se quer dizer, e essa semelhança deve ser evidente (Aristóteles 1410 a 1411 b) e permitir a comparação entre os dois termos, qualificando o primeiro pelo segundo. Desse modo, a imagem formada é abstraída a partir do termo metafórico e aplicada ao contexto em questão, transpondo o sentido de um ao outro termo, criando

de outro modo: o filósofo, por mais que queira se expressar de outra forma que não pela linguagem corrente, tem que respeitar as regras gramaticais da língua em que se expressa, ou seja, pode criticar a linguagem e o quanto ela limita e interfere no que se tem a dizer, porém, só o faz com o uso da linguagem que critica. Ora, a linguagem não tem forma de rede, muito menos pode aprisionar objetivamente alguém, no caso, o  
 são utilizadas de forma figurada, uma realidade semântica de caráter simbólico.

Entretanto, a compreensão do que é metáfora atravessa várias tradições, muito bem apresentadas por Paul Ricoeur (2005), que percorre o tema desde a retórica clássica<sup>10</sup> e seu declínio<sup>11</sup>, passando pela semiótica e pela semântica<sup>12</sup>, até chegar à hermenêutica. Com o objetivo de compreender o espaço ocupado pela metáfora no discurso filosófico, precisamos depreender a abrangência da metáfora nas diferentes tradições de forma a interligá-las e relacioná-las de modo pertinente. É o que Ricoeur faz com maestria. Lembremos a tríade da hermenêutica ricoeuriana, a saber, compreensão, explicação e entendimento (ou compreensão), segundo as palavras de Pellauer:

Para a hermenêutica, a compreensão é um pressuposto, assim como o alvo, de qualquer esquema explicativo. Isto é, a interpretação sempre se move de alguma pré-compreensão ou pré-entendimento para a ideia de um entendimento ampliado. A explicação é um meio de aumentar tal entendimento por introduzir um momento objetivo crítico. A relação entre entendimento e explicação, em outras palavras, tem que ser concebida como dialética, com a explicação como termo mediador entre dois polos de entendimento. (Pellauer, 2009, p. 93)

---

<sup>10</sup> Aristóteles, *A Poética*.

<sup>11</sup> Pierre Fontanier, *Les figures du discours*, 1830. *Apud*: Ricoeur, 2005.

<sup>12</sup> Émile Benveniste, I.A. Richards, Max Black, Monroe Beardsley, Ferdinand Saussure, entre outros.

Isto é, a compreensão nos leva a ler as tradições suprimindo qualquer tipo de juízo, na posição de um leitor que compreende o texto que é lido, que é falado, desligado de qualquer conexão do discurso com alguma intenção subjetiva do autor, construindo o texto como um todo, de forma holística. O segundo passo é construir o texto como um indivíduo, que tem crenças, vivências e conhecimentos específicos, transferindo-  
seu  
si isto é, uma  
leitura literal seguida de uma leitura crítica e ativa, permitindo explicar o mesmo texto de outro modo, compreendo-o interpretativamente cada vez mais.

Com o objetivo de compreender o uso hermenêutico da metáfora no discurso filosófico, vamos examinar a tradição da retórica clássica, começando, como seria necessário, pela definição aristotélica de metáfora, na *Poética*. O benefício deste estudo é duplo: em primeiro lugar, discutir a interpretação mais difundida sobre a metáfora, em seguida, perceber as razões que levaram a separar literatura e filosofia. Tendo isso em mente, dedicaremos um capítulo para descrever em detalhes o entendimento das tradições que serviram de fundamento à teoria da metáfora que se encontra desenvolvido em *Metáfora Viva*.

## 1.1. DISCURSO FALA, ESCRITA E NARRATIVA

Em contrapartida à linguagem figurada, o discurso<sup>13</sup> filosófico constitui-se de palavras organizadas de forma conceitual. À primeira vista, se um discurso filosófico é que esta se apresenta não por palavras, mas, imagens. Nesse sentido, seria danoso e paradoxal, ao discurso filosófico, a utilização de imagens para descrever algo racional, conhecimento de todo entendimento, portanto pelo menos o do entendimento humano-, é um conhecimento por conceitos, um conhecimento não intuitivo, mas sim discursivo . Está na motivação central deste

ão entre intuição e conceito. Trata-se bem de um problema, qual seja, como é possível conceituar utilizando imagens? Será que o estatuto da filosofia não é totalmente atrelado às palavras, ou melhor, à lexicalização das palavras? Isto é, será que só é possível utilizar na filosofia palavras vertidas em unidades autônomas do vocabulário de uma língua? Ou será que, precisamente por isso, a filosofia utiliza-se de palavras que não possuem somente um sentido próprio, mas, figurado, valendo-se dos desvios do léxico usual e conhecido? Enfim, se a filosofia também se utiliza de metáforas para reforçar ou exprimir os seus conceitos, então ela não descarta o poder das imagens, que implicam a ambiguidade e a força heurística do discurso.

Examinemos melhor o que estamos apontando. O uso das metáforas é trivial, o problema é saber se podem ser dispensadas? Isto é, existe uma linguagem (sempre) não figurada? E, ainda mais, quais as consequências de seu uso? A metáfora compromete a veracidade e o alcance do discurso? A celeuma que esse termo produz ocupa muitos pensadores, que se veja, nesse sentido, uma citação de Wayne Booth:

[...] com o imenso aumento na bibliografia sobre algo que previamente era chamado metáfora, aconteceu uma explosão de novos significados para essa palavra. Se eu [Booth] fosse fazer uma lista do que foi dito sobre metáfora antes da afirmação de Murray, definindo-

que não seja metafórica em alguma definição. (Wayne C. Booth, A metáfora como retórica: o problema da avaliação. *In*: Sacks. 1992. p 54).

Nossa preocupação é esclarecer alguns elementos que corroboram para o terreno movediço ocupado pela metáfora. Como já dito, investigaremos em maior profundidade as questões referentes à metáfora no próximo capítulo, antes, porém, é necessário nos ajuda a compreender este tema. Nossa questão é saber qual é o real papel da metáfora no discurso.

desperta a discussão entre língua falada e língua escrita, e, apesar da polêmica ser complexa e variada, em um primeiro momento,

-se, se não de forma idêntica, de forma aproximada,

tendo em vista que

não há qualquer diferença linguística notável que perpassa o contínuo de toda a produção falada ou de toda produção escrita, caracterizando uma das duas modalidades (pois as características não são categóricas nem exclusivas); [...]; tanto a fala como a escrita não operam nem se constituem numa única dimensão expressiva, mas são multissistêmicas (por exemplo, a fala serve-se da gestualidade, mímica, prosódia, etc., e a escritura serve-se da cor, tamanho, forma das letras e dos símbolos, como também de elementos logográficos, icônicos e pictóricos, entre outros, para fins expressivos). (Maruschi, 2010. p.45ss)

Em outras palavras, tanto a fala quanto a escrita utilizam-se de subterfúgios para exprimir além dos termos empregados. As palavras, normalmente, nos conduzem a outras paragens que não apenas a que é literal, apresentam ambiguidades que multiplicam o sentido. A poesia e a ficção são exemplos claros dessa dimensão expressiva que se abre para além do que é dito ou escrito. Ora, o discurso filosófico também opera dessa forma? Ou, ao contrário, devemos dar ao texto filosófico uma forma rígida, livre das metáforas? A citação a seguir, com muita ênfase, mostra claramente como não é possível esse sonho de clareza:

Para o leitor [o texto] é a unidade empírica que ele tem diante de si, feita de som, letra, imagem, sequências com uma extensão, (imaginariamente) com começo, meio e fim e que tem um autor que se representa em sua unidade, na



interlocutores

um grito se faz a partir de letras maiores e em negrito, por exemplo. Contudo, é possível verdade que existe, está nas mãos de não se sabe quem? Do autor ou do leitor? É fato o entre dois interlocutores face a face, pode-se resolver uma não compreensão ou um mal-

desejada pelo locutor, enquanto que a escrita exige o solipsismo do leitor que não tem a oportunidade de se manifestar ao autor para fins de lhe pedir esclarecimentos, se isso for

2008, p. 20)

Orlandi, se mostram e aí permanecem para sempre. Essa é uma razão, entre outras, para o autor continuar trabalhando o texto<sup>17</sup>.

ompreende-se a influência da oralidade e da escrita sobre a mensagem. Ricoeur (2009), ao falar dessa estrutura, utiliza os termos empregados por Ferdinand de Saussure em seu *Cours de linguistique général*: *langue* digo ou o conjunto de códigos sobre cuja base falante o particular produz a *parole*

é *particular*, ou seja, o código da mensagem é coletivo, enquanto que a mensagem propriamente dita é singular. Assim, o código e a mensagem não acontecem da mesma maneira, pois o primeiro está no tempo de forma sincrônica e o segundo é um acontecimento temporal, constituindo-se como uma dimensão diacrônica. A mensagem é expressão de algo intencional, tem autoria e é contingente, ao passo que o código, do qual é constituída, é anônimo, sistemático e compulsório a uma comunidade linguística. O sistema, que é sincrônico, precede as alusões diacrônicas, devido ao fato de ser compreendido antes do que as mudanças, que só podem ser descritas depois de efetivadas, isto é, a partir do sistema de codificação acessível. Assim, o sistema semiótico, relacionado aos signos, é fechado em si mesmo, não possui ligações com uma realidade que já não seja mediada pelos signos, sendo estes englobados por uma ciência, a linguística, que trata da língua como um todo, seja ela escrita ou falada. O

---

<sup>17</sup> Caso notável é Bergson, para quem a intuição é, por definição, inexprimível, obrigando o filósofo a reeditar, por uma multiplicidade de meios, o mesmo texto. *simpatia* pela qual nos transportamos para o interior de um objeto para coincidir com o que ele tem de único e, conseqüentemente, [1903]. Introdução à Metafísica. In: Os Pensadores, 1974. p.20.

signo é um símbolo de algo, não se relaciona diretamente com uma coisa do mundo real. Em sua composição, de modo dialógico, estão dois aspectos: o significante e o significado, que permitem duas análises diferentes, uma fonológica, quanto ao primeiro, e outra semântica, quanto ao segundo, onde cada elemento refere-se a outro elemento do mesmo sistema, jamais ao mundo. A intransitividade da língua, ou seja, o fato de o signo não ligar um nome a uma coisa do mundo, mas (ligar) o significante ao

2009, p.18).

Como aponta Ricoeur (2009), os signos são as unidades básicas e a linguística é uma ciência autônoma. Os signos têm um significante, que é o símbolo empregado, e um significado, que é a sua significação precisa, seu diferencial léxico. Ao organizar uma série de signos de maneira sistemática temos a frase, portanto, o signo é a unidade básica da frase. Já a frase é a unidade de constituição do discurso. Quando Ricoeur

que também no português podem ser consideradas sinônimas<sup>18</sup>. O signo é lexicalizado, seu referente é virtual e possui um sentido universal, enquanto a frase, apesar de ser constituída de signos lexicalizados, é um acontecimento de fala, está temporalizada, é contingente e possui um significado particular, uma semântica. Os signos são partes constitutivas da língua e podem ser estudados separadamente como unidades funcionais da frase pela semiótica, a ciência dos signos. Essa distinção entre semântica e semiótica clareia muitos aspectos relacionados à metáfora, como veremos à frente. O discurso é um evento da linguagem, como *parole*, ele esvai-se sendo esse o ponto fraco da oralidade na epistemologia, visto que o evento é temporal e tem data de validade. Entretanto, o discurso pode ser fixado por um sistema de signos, por um

*parole*

A mudança mais óbvia que tem lugar ao passar-se da fala para a escrita diz respeito à relação entre a mensagem e o seu meio ou canal. À primeira vista, concerne apenas a esta relação, mas, numa análise mais atenta, a primeira alteração irradia em todas as direções, afetando de um modo decisivo todos os fatores e funções. (Ricoeur, 2009, p. 42s)

Consideramos o discurso como evento, desse modo, está implícito o foro temporal do presente do discurso. O que fixamos é a significação do evento linguístico,

---

<sup>18</sup> Fala x discurso; parole x discours

inscrevemos é o noema do

2009, p. 44). Isso significa que o discurso fica preservado da destruição, porém muito afetado em sua função comunicativa. A fala é substituída pela escrita, sem o estágio intermediário da fala, é como se pulasse um estágio entre a significação do discurso e o meio material, ficando o destino do discurso confiado à *littera*, não à *vox*. Essa passagem altera a relação da mensagem com o locutor, de um lado, e da mensagem com o ouvinte, de outro. A inscrição direta do discurso na *littera* rompe com o âmbito do diálogo, dando assim autonomia semântica ao texto, uma vez que seu significado pode não coincidir com aquele intencionado pelo autor. Esse fato é muito importante para a hermenêutica, pois rompe a ligação psicológica do autor com o texto, mantendo a ligação do autor com a escrita de maneira mais complexa e permitindo a interpretação além do redigido, já que o autor não tem voz de defesa diante do locutor que o interpreta. Sua autoria é reconhecida, porém sua intencionalidade não é o único critério para a interpretação. O texto é escrito, supostamente a qualquer um que saiba ler, existe uma certa universalidade, todavia, os leitores sujeitam o texto a leis sociais de exclusão e admissão e a obra cria seu próprio público.

O discurso é revelado como discurso pela dialética da interpelação, simultaneamente, universal e contingente. Por um lado, é a autonomia semântica do texto que abre o âmbito de leitores potenciais e por assim dizer, cria o auditório do te

O conceito de significação admite duas interpretações que refletem a dialética principal entre evento e sentido. Significar é o que o falante quer dizer, isto é, o que intenta dizer e o que a frase denota, isto é, o que a conjunção entre a função de identificação e a função predicativa produz. Por outras palavras, a significação é noética e noemática. Podemos conectar a referência do discurso ao seu falante com o lado eventual da dialética. O evento é alguém a falar. Neste sentido, o sistema ou código é anônimo, na medida em que é meramente virtual. As línguas não falam, só as pessoas. (Ricoeur, 2009, p.26)

e o sentido é o significado dado ao evento em questão, ou seja, é o significado do que é dito. Quando consideramos o texto como evento, sua significação ou, melhor, seu

data específica, em um contexto específico, entre outras particularidades que influenciaram sua produção. Por outr

autoria de alguém, de signos anônimos, que dizem o que as palavras ali impressas em determinada sequência querem dizer. Como aponta Gentil (2008, p. 20): O texto não pode falar diferente por si mesmo, usar outras palavras, não pode levantar sua voz para corrigir uma má compreensão de seu leitor ou tentar dizer de maneira diferente o que foi dito. Ele diz o que diz através de seu intérprete, o leitor. Enfim, o discurso é fixado<sup>21</sup> pela escrita e só a partir da escrita é interpretado. Um discurso, segundo Ricoeur, é

um locutor, uma mensagem e um ouvinte. Como afirma Jakobson (2007), para se comunicar algo, é necessário mais, a saber, um locutor ou emissor, uma mensagem, um código, um contato, um contexto e um ouvinte ou destinatário. O emissor (locutor, orador, etc.), ao elaborar uma mensagem, visa um destinatário, seja ele real ou virtual,

---

<sup>19</sup> Ato pelo qual um pensamento visa um objeto, para a fenomenologia. "**noese**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/noese> [consultado em 02-06-2015]. Na terminologia de Husserl, o aspecto subjetivo da vivência, constituído por todos os atos de compreensão que visam a apreender o objeto, tais como perceber, lembrar, imaginar, etc. (Abbagnano, N. Dicionário de filosofia, tradução: Ivone Castilho Benedetti, 5ª. Edição, São Paulo: Martins Fontes, 2007)

<sup>20</sup> Ideia em geral, Figura com que se faz entender uma coisa quando se diz outra. "**noema**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/noema> [consultado em 02-06-2015]. Na terminologia de Husserl, o aspecto objetivo da vivência, ou seja, o objeto considerado pela reflexão em seus diversos modos de *ser dado* (p. ex., o percebido, o recordado, o imaginado). O Noema é distinto do próprio objeto, que é a coisa; por exemplo, o objeto de percepção da árvore é a árvore, mas o Noema dessa percepção é o complexo dos predicados e dos modos de ser dados pela experiência: por exemplo, a árvore verde, iluminada, não iluminada, percebida, lembrada, etc. (Abbagnano, N. Dicionário de filosofia, tradução: Ivone Castilho Benedetti, 5ª. Edição, São Paulo: Martins Fontes, 2007)

<sup>21</sup> Sabemos que o discurso pode ser fixado, também, através de áudio e vídeo, que podem colaborar com a interpretação do que é dito além das palavras proferidas.

expressa-se por um código conhecido e utiliza o canal físico que faz com que a mensagem emitida alcance o destinatário (no caso, o texto escrito). Essa mensagem só pode ser elaborada a partir de um contexto específico, real ou virtual. Ao se definir -se imputando a responsabilidade da comunicação ao locutor (aquele que fala), que é o agente da comunicação, enquanto o ouvinte (aquele que ouve) é paciente, só recebe, como Jakobson (2007) concebe, porém, não é esse o entendimento dado por Ricoeur, para ele, o discurso (inclusive o textual) é ação de ambos os lados (locutor e ouvinte), não é um ato de um lado só, é um diálogo (textual ou não), onde o locutor e o ouvinte se revezam em suas posições, portanto a responsabilidade da comunicação é de ambas as partes.

As pessoas, efetivamente, falam umas às outras. Mas para uma investigação existencial, a comunicação é um enigma e até mesmo um milagre. Por quê? Porque o estar junto, enquanto condição existencial da possibilidade de qualquer estrutura dialógica do discurso, surge como um modo de ultrapassar ou de superar a solidão fundamental de cada ser humano. Por solidão não quero indicar o fato de, muitas vezes, nos sentirmos isolados como numa multidão, ou de vivermos e morreremos sós, mas, num sentido mais radical, de que o que é vivido por uma pessoa não se pode transferir totalmente como tal e tal experiência para mais ninguém. A minha experiência não pode tornar-se diretamente a vossa experiência. Um acontecimento que pertence a uma corrente de consciência não pode transferir-se como tal para outra corrente de consciência. (Ricoeur, 2009, p.29ss)

A experiência vivida por qualquer um de nós é única e não há código conhecido que permita superar a dimensão psicológica do indivíduo. Quando Ricoeur refere-se à experiências de fato, pois o que compartilhamos é a significação que temos desses fatos, ou seja, ao comunicarmos uma experiência passada, não nos é possível comunicar exatamente essa experiência no presente, mas só a representação que ainda temos de tal experiência, que apesar de ser descrita no presente, é reflexa ao sentimento passado e cultivado até o momento presente, isto é, ao fato psicológico de sentir a solidão, assim, o diálogo que estabeleço com o outro faz da intersubjetividade uma relação dialética e absoluta. A impressão de estar só é em virtude de não poder superar o fato psicológico, por mais rica que for a descrição e os detalhes, é impossível que dois indivíduos percebam o mundo exatamente do mesmo modo, lembrando uma citação utilizada por

22

um empresário, cada um terá uma interpretação, e assim uma visão e descrição diferente

i para a

expressa e comunicada, mas também é a própria troca intersubjetiva, o acontecer do

dois eventos distintos: o de locução/escrita e o de audição/leitura. É comum alguém descrever uma aventura, uma experiência, seja real ou virtual, contando pormenorizadamente a imagem mental (representação) lembrada ou formada. Ao ser questionado, retorna à imagem e dá a descrição como se estivesse vendo a experiência a

Consideramos dois aspectos sobre o processo da metáfora na comunicação: o sentido comum, ou próprio, de cada palavra, que não nos impede de usá-la em uma nova perspectiva e, assim, o novo sentido (de onde a indicação da metáfora como solução para a limitação da linguagem, como defende Nietzsche). A metáfora, por não ter um sentido objetivo, pode nos direcionar a mais de um significado. Como saber o mais conveniente? Seria necessária uma habilidade maior do leitor para compreendê-la, ou qualquer leitor seria capaz de fazer isso? Não seria necessária uma convenção no uso de metáforas para não nos desviarmos em demasia do sentido pretendido? No afã de

Sobre Verdade e mentira, §1), Nietzsche questiona as convenções da linguagem e ainda o que já foi consolidado por meio de trocas arbitrárias ou inversões dos nomes. Desse modo, as metáforas, se não forem só ornamentos, são complacentes apenas ao que agrada? Isto é, se tiverem atribuição cognitiva, vão atender as necessidades vitais? <sup>23</sup> Porém, antes de tratarmos do perspectivismo da mensagem, dedicaremos algumas linhas a evidenciar a participação da imaginação na interpretação do texto e o modo como a imaginação influencia na compreensão do contexto desejado. A preocupação é com as interpretações possíveis e o como saber qual delas é a mais coerente com o texto, com o autor e com o leitor, ou ainda com os três ao mesmo tempo.

---

<sup>23</sup> Voltaremos a essa questão quando discutirmos a linguagem em Nietzsche.



## 1.2. IMAGINAÇÃO E HERMENÊUTICA.

Considerando a imagem que o texto suscita como manter a fidelidade da mensagem com a intenção do autor? Se a imagem acompanha o texto, não estaria dando vida a algo supostamente imóvel e fixo? Dito de outro modo, como descartar o trabalho da imaginação na leitura de textos filosóficos? Ricoeur ressalta que o termo

(Ricoeur, 1986. p.213-235). Esta perspectiva de clareza é agravada pela visão de um psicologismo de insinuação behaviorista que, ao considerar só o que é observável e

ainda que os filósofos analíticos, na diligência de preservar a intenção do texto,

Ricoeur reúne quatro usos principais que a tradição veicula junto ao termo

Primeiro, designa a evocação arbitrária de coisas ausentes, mas existentes algures, sem que esta evocação implique a confusão da coisa ausente com as

existência, da imagem produtora<sup>25</sup>, referindo, portanto, à ficção e à ilusão. Neste caso a imagem é produzida não a partir de uma percepção da realidade, mas da produção a partir do diferente, do outro não presente. Desse modo, a imaginação pode ser capaz de formar uma consciência crítica, onde é possível ao sujeito perceber a diferença do real e do imaginário, ou uma consciência fascinada, onde não se diferencia um do outro, pois crê no imaginário como sendo real. Assim, as teorias repartem-se, deixando de serem noemáticas, para serem noéticas. Numa extremidade do eixo a consciência crítica é nula, a imagem é tomada como real, enquanto na outra a consciência crítica é ciente de si mesma, tomando a imaginação como próprio instrumento da apreciação do real.

A imaginação é apresentada por Ricoeur (1986, p. 216) vinculada ao que ele entende por metáfora, diferenciando-se das tradições supracitadas. Ao invés de proceder da percepção à imagem, parte da imaginação a um certo uso da linguagem, onde a imaginação é direcionada a outro aspecto, o da *inovação semântica*. a percepção, a visão súbita, de uma nova pertinência predicativa, a saber, uma maneira

do a incongruência entre o sujeito e o predicado. Entretanto, é necessária a congruência para a compreensão dessa relação e, assim, restituir a pertinência perdida. É aqui que a imaginação participa, pois ela tem a função de buscar o novo sentido, a similaridade, a nova possibilidade de predicação, a partir do termo metafórico. E a isso Ricoeur designa *inovação semântica*, que nada mais é do que uma nova possibilidade que restabelece a congruência a partir de outra significação. A nova pertinência semântica abarca a compreensão em um âmbito maior, o do texto, o da obra.

147). Dois termos heterogêneos, que estavam distantes, demonstram alguma afinidade na predicação da frase. A produção da similitude, através da imaginação que vê a semelhança entre termos diferentes, permite o novo sentido. Para Ricoeur, a imaginação é essa faculdade de trabalhar com a semelhança, permitindo outra assimilação de

---

<sup>25</sup> Alusão à teoria sartriana de imagem.

sentido literal ceder ao sentido figurado. Apesar de Ricoeur não apresentar uma teoria da imaginação explícita, é a partir da inovação semântica que autores como Maria Gabriela Azevedo e Castro e Michel Philibert buscam generalizar um modo de conceber  
ir um *corpus* teórico. Azevedo e Castro (2002) confronta a hermenêutica de Ricoeur com o estruturalismo. A partir das diferenças e similaridades, realça a participação da imaginação na interpretação dos textos. O estruturalista, segundo a comentadora, é um pesquisador que analisa sem pretender reviver a situação em questão, portanto, mantém-se afastado, desconstrói e critica de fora, enquanto o hermeneuta granjeia o sentido com a intenção de se apropriar  
forma a envolver-se com ele. Hermenêutica e estruturalismo são dois submodelos de interpretação que se distinguem (Azevedo e Castro, 2002, p.217).

[Porque] a explicação estrutural incide 1) uma retomada consciente; 2) que é constituído por diferenças e oposições por desvios siG

onde cada palavra tem um sentido específico de acordo com a referência pertinente na realidade. Segundo Philibert, na metáfora, a imaginação, no plano do sentido, produz uma nova predicação, reconstituindo a congruência da frase. Por sua vez, no campo da

enriquece o sentido completo, fazendo referência à função pictórica da imaginação, ou a compreensão do caráter figurativo da metáfora.

Alarga a aplicação prática dessa função pictórica às relações e interações sociais, atingindo os limites do imaginário. Enfatiza a referência que Ricoeur (2005) faz à Kant, conceito kantiano de *imaginação produtiva*, como

entende hermenêutica como ampliação a partir de uma reflexão e que leva à plenitude significativa, e uma hermenêutica da suspeita, um modo crítico que, à primeira vista, reduz o olhar hermenêutico.

alude à importância que Marx, Freud e Nietzsche imprimem à nossa cultura e como o pensamento ocidental foi alterado, principalmente em relação à consciência de si (Ricoeur, 1978a, p. 127 s). Nietzsche, em especial, critica a linguagem e o modo como a

de aforismos, como a metáfora pode libertar o discurso de amarras. Ou seja, Nietzsche, com sua crítica à linguagem e à verdade absoluta, contribui muito para o surgimento e o desenvolvimento da ontologia hermenêutica contemporânea, como afirma Gianni Vattimo (2010. p. 133-150). Resta saber, tendo visto que é uma crítica tenaz contra a metáfora, como esta conduz a um novo sentido a partir de algo que não é afirmado pela linguagem. Resta saber, ainda, como interpretar um discurso de modo a chegar a uma plenitude significativa frente à ambiguidade das palavras. Em que o perspectivismo nietzschiano nos ajuda a responder estas perguntas? Para respondê-las, vamos precisar de um novo capítulo, dedicado integralmente a esta questão.

### 1.3. NIETZSCHE E O PROBLEMA DA LINGUAGEM

Existe uma verdade plena e absoluta? Ou ela é relativa? Pode a verdade ser fracionada?

na metáfora, relativiza o saber e, por isso, destrói a verdade? A perda de uma referência específica para as palavras ameaça o que está dito? Nietzsche dá novo rumo a esse impasse ao questionar se há uma verdade absoluta a partir do funcionamento da linguagem. Com o perspectivismo, rompe com a tradição e demonstra que a linguagem conceitual é limitada. A fim de superar esse problema de limitação da escrita, recorre ao uso de aforismos e poemas como alternativa para um contato eficaz<sup>26</sup>.

O tema da linguagem aparece de maneira privilegiada em diferentes momentos da obra de Nietzsche. Seriam suas considerações o *corpus* de uma nova teoria ou apenas uma análise circunstanciada, servindo a outros fins dentro do conjunto da obra, tais como a genealogia da moral, a vontade de potência? Os comentadores se dividem. Alguns comentadores são levados a considerar a existência de uma teoria da linguagem em Nietzsche, ao passo que outros a recusam deliberadamente. É esse debate que vamos reconstruir e examinar nesse momento, expondo o ponto de vista de alguns comentadores quanto ao problema da linguagem em Nietzsche, para, em seguida, à luz

O

*livro do filósofo* Curso sobre Retórica de Nietzsche.

A linguagem é algo que sempre ocupou lugar no pensamento de Nietzsche. Scarlett Marton (2007) afirma que, apesar disto, em momento algum chega a ser constituída uma teoria da linguagem embora Nietzsche a tenha tomado por objeto muito cedo, antes mesmo de se tornar conhecido como filósofo, em seus estudos filológicos. Há, segundo Scarlett Marton, uma dific

aforismo como maneira de complementar o que está escrito a partir do entendimento expandido do contexto explícito da escrita. A conclusão de Scarlett Marton é que o propósito da crítica nietzschiana da linguagem é determinante em seu projeto filosófico, mas não ostenta o patamar de uma teoria.

---

<sup>26</sup>

(2007).

Outro modo de justificar a crítica da linguagem que encontramos em Nietzsche é aquele apresentado por Mirko Wischke (2005), onde a linguagem, segundo este comentador, constitui um instrumento de conformação à vivência humana. Wischke afirma que Nietzsche, ao tratar o tema da linguagem, considera-a como reveladora da aparência. A linguagem não denuncia a constituição em si das coisas, mas sim uma  
 s fatos, ou seja, a ideia de que um conhecimento propriamente dito da verdade não existe. Deixando claro: o que Nietzsche entende por aparência não são as formas de aparecimento das coisas, mas a imagem especular das opiniões  
 (Wischke, 2005). Wischke faz alusão à arte para melhor definir sua posição, pois quando  
 , ainda que sua função seja iludir, ao contrário disso, o que ela visa é apresentar uma verdade aparente, ou seja, ela apresenta um mundo fictício, ordenado e belo. Em suma, a função da linguagem é adequar a realidade àquilo que convém como forma de suavizar a crueldade da existência humana.

A linguagem ainda pode ser concebida como ferramenta de crítica à racionalidade, tal como o defende Thelma da Fonseca (1994, p.4). Segundo esta leitura de Nietzsche, o pensamento racional é essencialmente discursivo e engessado pela gramática, tornando-se um resumo articulado de figuras linguísticas. Thelma da Fonseca assinala que Nietzsche, ao criticar a linguagem, está preocupado com a moral.  
 de

com a moral e não com os alicerces da razão. Segundo Thelma da Fonseca, Nietzsche condena um certo uso da linguagem. Linguagem esta que ele mesmo utiliza, apesar de  
 o

exprime seus pensamentos e conceitos. Porém, a linguagem escrita deveria, de alguma forma, auxiliar no desvelamento da metáfora original, aquela que motiva o pensamento. Talvez o uso retórico da linguagem, assim como o uso de aforismos, possa se aproximar desse objetivo, que é revelar o mundo das aparências. Desse modo, o problema apresentado é

permite, pela sintaxe, o desmascaramento da verdade. Devido a isso, o filósofo quer

representada pelo pensamento metafísico. Ora, é essa desconstrução, para Thelma da Fonseca, a expressão da filosofia nietzschiana: a superação da moral através de seus

atinge sua própria filosofia. Pois ela está registrada pela gramática e assim sofre da mesma crítica que faz às outras filosofias, em especial à metafísica. Como aponta Thelma da Fonseca (1994):

a tarefa de Nietzsche não está em advertir que a moral cristã ainda sobrevive e se potencializou ao desligar-se da teologia? Não configura um objetivo contribuir para que esta moral seja superada? Se assim for, qual é o problema de que sua crítica perca a validade quando esta moral for efetivamente superada? É possível que sua plena realização resida justamente aí... (Fonseca, 1994, p.155)

Ou seja, se o real objetivo de Nietzsche é superar a moral cristã, não há razão para a construção de uma teoria da linguagem, e a finalidade-mor de sua filosofia está além da análise do funcionamento desta.

André Garcia (2008) também sugere que a crítica de Nietzsche à linguagem é fundamentada na moral. Para justificar sua posição, considera o estatuto da linguagem em três domínios: filosofia estética, teoria do conhecimento e moral. Em seu trabalho, perguntando-se sobre a origem de doutrinas filosóficas e científicas do século XVIII e XIX na filosofia de Nietzsche. E através de suas leituras recupera a origem da linguagem, buscando esclarecer suas relações com a linguagem em-de-<sup>27</sup> presente em seus escritos<sup>28</sup>. Lembra que a linguagem, segundo Nietzsche, tem origem nos sons, como é o caso da música. Ele busca a origem da linguagem para, assim, demonstrar a relação da linguagem com a moral.

<sup>27</sup> Garcia (2008) -de- movimentos reflexos universalmente compreensíveis.

<sup>28</sup> dos efeito do som; (ii) o efeito da sequência sonora; (iii) o efeito da cisão sonora (Tonsprunget); (iv) do ritmo e, por fim, (v) da consonância (Zusammenklingens) de sons. O apontamento está inacabado, e nele somente há esclarecimentos rudimentares do primeiro tópico. No entanto, parece-nos clara a tentativa de Sprache des Affekts). Ao vincular som e afeto, Nietzsche, julgamos, aponta para a origem da música, que surge, em um primeiro momento, de afecções do corpo e, conseqüentemente, da articulação harmoniosa dos sons em uma escala. É o corpo, ou para usar uma terminologia mais precisa, é a capacidade criadora dos instintos (ou dos afetos) que condiciona não só os signos linguísticos (palavras, conceitos e imagens/símbolos), mas também a harmonia (Zusammenklingen) de tons: a música. A linguagem, tomada em sua gênese (Lauten), ou seja, sem interferência do que Nietzsche denomina Wortsprache (linguagem-de-palavra na palavra, o que é musical (o sonoro) atrofia-se [verkümmert], porém, tão logo surge o afeto, ele [subent. o que é musical] aparece [tritt es hervor o já mencionado schaffender Trieb (impulso criador) é, dessa maneira, a raiz (Wurzel), a causa (Ursache) do som e, conseqüentemente, da consonância tonal; daqui procede a



Assim, a crítica à linguagem feita por Nietzsche está no modo como compreende o que é verdade e mentira. Ricardo da Silva (2003, p. 141) escolheu esse caminho após explorar muito bem a análise da origem da linguagem contida nos escritos de Nietzsche. Afirma que

(Silva, 2003, p. 71). Considera que o homem se relaciona com os outros e com o contexto através da linguagem, sendo caráter agregador, trazendo à comunidade um ganho traduzido numa facilidade de troca de signos entre os homens. Mas esse ganho termina por afastá-  
(Silva, 2003, p.77). Ricardo da Silva apega-se ao processo de transformação da metáfora a partir da arte como forma de explicar a formação da palavra e a construção metáfora, pois a metáfora não

limitação da escrita, razão pela qual se utiliza do aforismo e da poesia<sup>29</sup>. Concordando com Scarlet Marton (2007) e Thelma da Fonseca (1994), que salientam a gramática

. Silva (2003) entende haver então uma linguagem distinta daquela que Nietzsche critica, constituindo dessa forma uma teoria da linguagem que ultrapassa a sintaxe. Ou seja, através das figuras de linguagem, Ricardo da Silva (2003) reconhece um rompimento com as normas gramaticais gramaticalmente correta. Desse modo, acredita que há uma teoria da linguagem em

A crítica de Nietzsche à linguagem pode ser entendida também como uma oposição à linguagem filosófica corrente, o que é corroborado por Carlos Alberto de Moura (2005), quando observa que

da realidade, supondo implicitamente ali uma determinada concepção da linguagem que é explicitada no seu curso de retórica. A tese ali subentendida é a de que a retórica, ao contrário do que pensava a tradição, antes de ser apenas um dos usos da linguagem, é na verdade a sua *essência* (2005, p.72).

Nietzsche reforça a linguagem como expressão retórica, pois, quando escrevemos algo a alguém, escrevemos no sentido de esclarecer, de explicar um ponto que pensamos obscuro ou mesmo no sentido de informar. Nós não falamos simplesmente por falar, queremos demonstrar uma certa verdade sobre o assunto em discussão, ou seja, aquilo que acreditamos. Em nenhum momento pensamos no meio que estamos utilizando para nos comunicar, apenas no fim desejado, no *telos* da comunicação. Para isso utilizamos os artifícios que consideramos mais adequados. Ora, a metáfora é um desses artifícios e, pela análise de Nietzsche, o mais eficiente, não só devido à pobreza vernacular, mas, principalmente, devido à força de expressão do pensamento. Nesse sentido, em *O Livro do Filósofo*, Nietzsche reforça que:

designar os meios de uma arte inconsciente, na linguagem e em sua formação [werden], inclusive a retórica é um aperfeiçoamento [fortbildung] dos artifícios já presentes na linguagem. Trata-se de algo que se pode provar a

retórica da linguagem a que recorrer: a linguagem como tal é o resultado de artes puramente retóricas. (Nietzsche, Curso de retórica, I, § 3).

A crítica de Nietzsche é que o ato de escrever tenta racionalizar o discurso oral

enquanto o

leitor busca na frieza das palavras escritas o raciocínio e o argumento, o ouvinte quer ser envolvido pela voz e a expressão de quem fala, a linguagem, desse modo, é natural. O signo é invenção humana que afasta a palavra daquilo que ela significa, é uma representação fria, diferente da imagem incitada pela voz do orador. A retórica induz à compreensão como arte inconsciente da linguagem, ou seja, o ouvido é seduzido pela linguagem que nos conduz ao instinto, ao natural, ao dionisíaco. Como imagem

escapando ao engessamento cognitivo que se restringe aos conceitos do entendimento. Pois o tropo liberta a linguagem do uso racional e teórico, nos abrindo à capacidade compreensiva das imagens e dos sentimentos. Ao indicar que a música tem o poder de, intuitivamente, colocar o conceito em questão, Nietzsche parte do pressuposto de que não se pode conhecer -em- ao nosso alcance, apenas os s. Ele não se cansa de engrandecer aqueles que vieram antes de Sócrates, como sendo muito melhores dos que vieram depois. Os trágicos transmitiam a arte de forma maravilhosa, nenhum outro artista ou filósofo conseguiu tamanha façanha. As tragédias baseavam-se nos mitos e no cotidiano ao mesmo tempo.

Os mitos participavam do dionisíaco. Isso propiciou a criação dos deuses gregos e permitiu a sobrevivência de um estilo de vida. Os *Aedos* transmitiam o conhecimento, Homero e Hesíodo são exemplos daqueles que através da arte exalaram o encantamento e propagaram uma visão dionisíaca do mundo. Com Sócrates, uma nova concepção da linguagem inaugura-se, pensada não mais como **fim** (linguagem eficaz, tautegórica, onde o mesmo é o pensar e o ser), mas como **meio** (linguagem instrumental, categórica, concentrada não mais sobre o mito (palavra memorável), mas, sobre no *lógos* (palavra dialogada), que rompe a ligação entre as palavras e as coisas). Como aponta Marcel Detienne (1988), ao qualificar a passagem do mito ao logos solidária a passagem do espírito grego arcaico (sabedoria de Silenos) à filosofia de Sócrates:

Para a problemática da palavra no pensamento grego, este fenômeno tem uma dupla consequência : por uETBT249(l)-7(a)-7(do)24(,-11( )-273(c)15(o)24()-23(s)38(a)15(g)24

Ele [o mentiroso] abusa das convenções consolidadas por meio de trocas arbitrárias ou inversões dos nomes, inclusive. Faz-se isso de uma maneira individualista e ainda por cima nociva, então a sociedade não confiará mais nele e, com isso, tratará de excluí-lo. Nisso, os homens não evitam tanto ser ludibriados quanto lesados pelo engano. Mesmo nesse nível, o que eles odeiam fundamentalmente não é o engano, mas as consequências ruins, hostis, de certos gêneros de enganos. Num sentido semelhantemente limitado, o homem também quer apenas a verdade. Ele quer as consequências agradáveis da verdade, que conservam a vida; frente ao puro conhecimento sem consequências ele é indiferente, frente às verdades possivelmente prejudiciais e destruidoras ele se dispõe com hostilidade, inclusive. E mais até: como ficam aquelas convenções da linguagem? (Nietzsche Sobre Verdade e mentira, §1).

A crença na verdade é necessária para a grei. As convenções ajudam o convívio

Por verdade costuma ser um fantasma horripilante e agressivo. Ela é o que a maioria menos quer: a verdade só é admitida quando inegável, quando se torna o menos ruim (Kothe, 2002, p.17). Para que sofrer, se a crença nas convenções é confortante? Se não fosse assim, seria preciso o trabalho de superação estética da metafísica e isso demanda esforço e sofrimento (exige outro ideal de homem, além-do-homem). Acreditar nas convenções, andar em rebanho, é mais cômodo<sup>30</sup>.

Podemos concluir que a crítica da linguagem de Nietzsche indica caminhos de compreensão de seu pensamento. Para ele, o conceito é constituído de palavras, e a palavra é a figuração de um estímulo nervoso, mais detalhadamente:

Ele [o criador da linguagem] designa apenas as relações das coisas com os homens e, para expressá-las, serve-se da ajuda das mais ousadas metáforas. De antemão, um estímulo nervoso transposto em uma imagem! Primeira metáfora. A imagem, por seu turno, remodelada em um som! Segunda metáfora. (Nietzsche Sobre a Verdade e a mentira no sentido extra-moral, §1)

Ou seja, estímulos Nietzsche, Curso de Retórica, § 3). Todas as palavras já são metáforas de outra metáfora. Os estímulos (as palavras) levam a uma representação da representação, passível de interpretações, e essa

E como lidar com a polifonia das palavras? E aquelas com vários significados, como por exemplo, a palavra manga: manga fruta, manga de camisa, manga de chuva, se todas são mangas, como definir sua essência? Ou ainda, qual é o objeto em questão, se a palavra é manga para todos? Além disso, percebe-se que a existência de tantas línguas desfaz a certeza de que uma palavra é adequada ontologicamente às coisas.

<sup>30</sup> Algo que faz pensar no nascimento da tragédia, pois os face a face. E Schopenhauer, autor de uma filosofia que não temia o pessimismo.

Fica claro que não é ela que determina o grau de verdade do que é dito. Toda palavra tem seu significado e podemos, muitas vezes, utilizá-las com novas perspectivas. As várias línguas dizem diferentemente aquilo que é igual. As palavras cachorro, *dog*, *perro*, *chien*, *inú*, *canis*, são palavras distintas que denominam a mesma coisa,

consciência, mas a maneira pela qual nos relacionamos com elas. A essência completa  
 Nietzsche, Curso de Retórica, § 3). As palavras são meros estímulos nervosos transformados em som, em cada língua encontramos uma representação do mundo e mesmo uma conotação afetiva diferente.

Se não há mais a *verdade*, apenas adequação de uma *crença* ao verdadeiro, e essa relação é transposta para as categorias da gramática, a própria linguagem é tributária desse jogo entre os homens fortes (criadores de valores) e os fracos (que seguem o rebanho).

Enquanto o homem conduzido por conceitos e abstrações, apenas rechaça, por meio destes, a infelicidade, sem granjear para si mesmo uma felicidade a partir das abstrações, enquanto ele se esforça ao máximo para libertar-se da dor, o homem intuitivo, situado no interior de uma cultura, já colhe de suas intuições, além da defesa contra tudo que é mal, uma iluminação contínua e caudalosa, júbilo, redenção. Por certo, sofre com mais intensidade, *quando* sofre; sim, sofre até com mais assiduidade, porque não sabe aprender a partir da experiência, voltando a cair sempre no mesmo buraco em que já havia caído. (Nietzsche Sobre a Verdade e mentira, §2)

Parece então que tanto o homem instruído, tanto quanto o instintivo, vivem com as máscaras d  
 contraditórias, buscam o seu bem-estar, à medida que está neles mesmos as necessidades que os fazem focar na conservação da espécie e assim tornarem-se dissimulados para conseguir viver em paz com seus pares. A linguagem é utilizada de modo a fundamentar o permanente, e, assim, dar segurança aos que seguem o rebanho. Em demasiado humano considera a linguagem como pretensa ciência, aquela que busca a eterna verdade, a certeza, o conhecimento do mundo.

O formador da linguagem não era tão modesto de acreditar que dava às coisas, justamente, apenas designações; mas antes, ao que supunha, exprimia com as palavras o supremo saber sobre as coisas; de fato, a linguagem é o primeiro grau de esforço em direção da ciência. Foi a crença na verdade encontrada, também aqui, que fluíram as mais poderosas fontes de força. (Nietzsche, Curso de Retórica, § 3)

Com essa força motriz foi possível desenvolver a razão, pois sem essa certeza a lógica não teria pilares de sustentação, muito menos a geometria e a matemática, tendo  
 linha exatamente reta, nenhum círculo efetivo, nenhuma

(Nietzsche Humano demasiado humano, vol. I cap. 1 §11). A linguagem escrita, ao contrário da linguagem oral, prima para o estável, o imóvel, o absoluto. A linguagem oral é passível de distorções, ironias e omissões que acompanham a tonalidade, mais do que os conceitos das palavras, do falante. Isso é salientado por Nietzsche no segundo  humano, demasiado humano importante escrever cada vez mais e melhor. Exaltando a divulgação das informações, que devem alcançar um número cada vez maior e, ainda, acrescenta, a palavra escrita traduzida em diferentes línguas (



## **SEGUNDO CAPÍTULO**



## 2. A METÁFORA EM RICOEUR

O primeiro a tratar da metáfora de forma sistemática foi Aristóteles, tanto em algumas notas, na *Retórica* e no *De interpretatione*, quanto em uma definição mais detalhada, na *Poética*. A metáfora é estudada pelo filósofo devido à importância do discurso no cotidiano grego antigo e ao auxílio que ela pode fornecer à natureza do texto. O discurso é tratado, na tradição, pela oratória, que se divide em três aspectos: a formulação do argumento dentro da composição do discurso, a elocução e a maneira de emitir a mensagem desejada. Um discurso, para ser bem estruturado, deve conter uma sequência que facilite o seu acompanhamento, possuir argumentos ordenados/concatenados entre si e suficientemente claros, a fim de se alcançar as conclusões desejadas. E para se conseguir a persuasão e o convencimento pode-se utilizar, além dos argumentos, o apelo afetivo, ou seja, não é só a partir da razão que se constrói o discurso. Tendo em vista que a boa fluência do texto auxilia na sua compreensão, ao torná-lo mais agradável, aumenta-se a predisposição do ouvinte para ouvi-lo, já que a beleza do discurso tem efeito

recebe o texto de forma favorável. A disposição afetiva do leitor é o alvo da beleza, e, por causa dela, a compreensão também é beneficiada. Desse modo, é imprescindível saber usar bem esses recursos, correndo-se o risco, se não houver essa habilidade, de prejudicar o efeito da mensagem pretendida. Quais recursos seriam esses? O principal deles é a figura de linguagem, que auxilia a compreensão do texto, seja através da beleza, que seduz o leitor, seja através das imagens, analogias e comparações. A metáfora, portanto, ajuda a compreensão, porém, não é unânime seu alcance. Essa questão é pertinente, pois diz respeito ao aspecto cognitivo da metáfora. Alguns autores, como Donald Davidson<sup>32</sup>, afirmam que seu uso é somente ornamental, tornando o texto mais agradável e belo. Por outro lado, Max Black<sup>33</sup>, entre outros, afirma que, além da beleza, a metáfora é um elemento cognitivo no texto. Frente a esse impasse temos uma terceira via, apresentada por Ricoeur (2005), a hermenêutica. O que chama atenção é que todos os autores partem do mesmo ponto, a *Poética* de Aristóteles. Afinal, em que se diferenciam essas leituras?

---

<sup>32</sup> O que as metáforas significam. *In*: Sacks, 1992.

<sup>33</sup> Max Black, More about metaphor, *In*: Ortony, 1979; Max Black, Como as metáforas funcionam: uma resposta a Donald Davidson. *In*: Sacks, 1992.

A Poética e a Retórica são obras de referência no estudo da metáfora. Aristóteles descreve a metáfora e seu benefício, ou seja, o por que e para que recorremos ao seu uso. Uma vez que seu emprego ocorre na oratória, o assunto é tratado pelas duas disciplinas: a Retórica e a Poética<sup>34</sup>, sendo a teoria da argumentação e a teoria da composição vinculada à primeira e a teoria da elocução, à segunda. Portanto, a oratória é uma matéria de tripla abrangência, pois trata de todos os aspectos do discurso, seu conceito, sua utilidade e função, sua constituição e estruturação, ou seja, é matéria complexa e genérica/abrangente.

aproximam as duas disciplinas. Enquanto a Retórica dedica-se ao convencimento através da persuasão, a Poética dedica-se à eloquência, ao prazer do conhecimento sensível, à arte. Essa bipartição no uso do discurso permitiu que se distanciassem os interesses, como se poesia não se aplica ao

pela Poética de Aristóteles, não pela *Física* ou pelo *Organum* e, preterida em sua função ornamental, a função retórica ficou esquecida. A preocupação cada vez maior com o discurso convincente fez com que a retórica perdesse seu *nexus*, que era o que a ligava à filosofia por meio da dialética, e tornou-

-se desprezada, associada ao mundo da mentira e do charlatanismo.

Segundo Roland Barthe reinou no ocidente desde o século V a.C. até o século XIX d.C. Por estar ligada à poética, a metáfora ficou restrita ao uso literário, à ornamentação. Essa tradição de leitura faz justiça ao texto da Poética? Isto é, ao uso adequado, segundo Aristóteles, da metáfora? A substituição de uma palavra por outra (teoria substitutiva ou ornamental) é suficiente para descrever a teoria aristotélica da metáfora? Ou, ao contrário, a metáfora não representa apenas um ornamento, produzindo conhecimento (teoria cognitiva)? São dúvidas que fazem com

esclarecer a tradição de leitura que se filiou erradicamente à metáfora. Principia pela definição mais conhecida, no cap. XXI da Poética (1457 b 6- A metáfora é a transferência de uma palavra que pertence a outra coisa, ou do gênero para a espécie, ou

---

34

-se poética à maneira de Aristóteles à disciplina que trata das leis de composição que se acrescentam à instância de discurso para fazer dele um

da espécie para o gênero, ou da espécie para outra, ou por analogia  
rememora definições de outras obras, como a Retórica (livro III, 10-11), onde está

*léxis*                      *léxis*

Toda a elocução em geral tem os seguintes elementos: fonema, sílaba, conjunção, nome, verbo, articulador, flexão e frase [locução] -21). Isso significa que as partes da elocução, da *léxis*, provêm de segmentações menores do discurso, *léxis* e à metáfora, à retórica e à poética, como um segmento do discurs

é a parte semântica que se une ao discurso por outras partes, a saber, a letra, a sílaba, a conjunção e o artigo. Mas isso não basta para dar a significação, pois, ao sentido, é necessário que o nome associe-se a um verbo formando a unidade base da *léxis*, uma vez que o verbo é que demarca a ação e o tempo ao nome, e, por conseguinte, à elocução. A *léxis* completa-se apenas com a frase, composta de nome e verbo, e a locução, formadora do *lógos*, uma significação complexa. Desse modo, o *lógos*

uma coisa à outra também se altera o significado de toda locução, portanto, Ricoeur questiona se é somente o nome que está envolvido nessa transferência. Se, ao alterar o nome, a palavra, altera-se todo o significado da locução, não seria mais adequado dizer que a metáfora é a transferência de um significado por outro? Tendo visto que Aristóteles define nome vinculando a metáfora a ele, vejamos a seguinte citação:

É, com efeito, do nome que se diz, após a análise em partes da *léxis* e imediatamente antes da definição da metáfora: *todo nome é ou um nome corrente, ou estranho, ou metáfora, ou ornado, ou inventado, ou alongado, ou abreviado, ou alterado* (Poética, 1457 b 1-3). Esse texto de ligação reúne expressamente a metáfora à *léxis* por intermédio do nome. (Ricoeur, 2005. p.29)

Não há como negar que a metáfora é algo que acontece com o nome, imediatamente vinculada a ele no interior do discurso. No entanto, o que deve ser descrita como o deslocamento **de... para...** É muitíssimo claro que essa noção de -se à mudança de significação

vazio semântico deixado pelo nome, e, assim, associado ao primeiro. Esse nome tomado por empréstimo é um nome estranho, pertencente a outra coisa, é um desvio do uso comum. Ele substitui um nome próprio, não figurado, como palavra tomada por

provocando um deslocamento semântico. A substituição não acrescenta nenhuma informação nova, ela só permite modificar aquilo que se quer dizer. De qualquer modo, essa transposição viola a estrutura lógica da linguagem.

Ricoeur sugere três hipóteses interpretativas para entender a metáfora: a primeira, aproximando-

Esses aspectos ligam-se à metáfora como um todo. O perceber as semelhanças é notavelmente o quarto tipo de metáfora, definida como analogia. A partir destes aspectos, percebemos que outra teoria de metáfora se revela, como discutiremos mais à frente.

Dissemos que a retórica perdeu força e, com ela, a metáfora ficou encerrada em seu valor ornamental, devido à restrição de metáfora à transferência de uma palavra por outra. Ricoeur (2005, p.77-105) imputa parte dessa responsabilidade à tropologia. Para defender esse ponto de vista, apela a Pierre Fontanier, *Les Figures du discours*, por considerar um dos últimos tratados de retórica<sup>36</sup>. No momento que se classifica as figuras de linguagem, a tropologia engessa cada tipo a uma nomenclatura e a uma

d) O termo tomado de empréstimo é aplicado ao tipo de coisa considerado, ao preço de um desvio entre o sentido impróprio ou figurado da palavra emprestada e seu sentido próprio: postulado de desvio;

e) O termo tomado de empréstimo, em seu sentido figurado, é substituído a uma palavra ausente (que falta ou que não se deseje empregar) que poderia ter sido empregada no mesmo lugar e em seu sentido próprio; esta substituição se faz por preferência e não por necessidade quando a palavra própria existe (fala-se então de tropo em sentido estrito); quando a substituição corresponde a uma verdadeira lacuna do vocabulário e é necessária, fala-se de catacrese: axioma da substituição;

f) Entre o sentido figurado da palavra tomada de empréstimo e o sentido próprio da palavra ausente ao qual o primeiro é substituído, existe uma

constitui um paradigma para substituição dos termos; no caso da metáfora, a estrutura paradigmática é a de semelhança: postulado do caráter paradigmático do tropo;

g) Explicar (ou compreender) um tropo é, guiado pela razão do tropo, isto é, o paradigma da substituição, encontrar a palavra própria ausente; é, portanto, restituir o termo próprio ao qual um termo impróprio se substituiu; a paráfrase em que consiste essa restituição é, em princípio, exaustiva, a soma algébrica da substituição e da restituição sendo nula: postulado da paráfrase exaustiva.

Dessa cadeia de pressupostos resultam os dois últimos postulados que caracterizam o tratamento propriamente retórico da metáfora e, em geral, dos tropos:

h) O emprego figurado de palavras não comporta nenhuma informação nova. Este postulado é solidário do precedente; pois se a restituição anula a substituição, se, se, pode se dar uma paráfrase exaustiva da metáfora e em geral do tropo, a metáfora nada ensina: postulado da informação nula;

i) O tropo, nada ensinando, tem uma simples função decorativa, é destinado a agradar ao ornar a

Ricoeur, 2005. p.79 ss )

Segundo Ricoeur (2005), aqueles que vieram após Aristóteles tiveram uma compreensão desviada da descrição do filósofo, reproduzindo somente os registros de que a metáfora não acrescenta nenhuma informação ao discurso, por ser a transferência de uma palavra por outra. A definição de Aristóteles distancia-se dessa redução de metáfora à teoria do tropo, onde a retórica está reduzida à teoria da elocução restrita ao uso das figuras só para ornamento, sem ganho cognitivo algum. A definição do estagirita não deve ser reduzida ao nome, mas, aproximada de uma teoria discursiva, onde o norte é a transferência de sentido da elocução como um todo e não apenas da palavra. Tal constatação manifesta novos caminhos para a compreensão da metáfora. Quais são eles?

O primeiro é a diferença entre metáfora e comparação. Metaforicamente se diz:

O

exemplo demonstra a força da metáfora evidenciada na predicação direta, sendo a

pensamento é composto por ideias e a expressão desse pensamento é engendrado por palavras. Fontanier, segundo Ricoeur (2005), define e classifica as ideias. Ideias individuais, que são as ideias substantivas, pois possuem signos específicos e individuais; ideias concretas, que são adjetivas, signos das ideias de relação; ideias representativas, que são as palavras que têm correspondência com seus objetos. Para edificar as ideias, nos utilizamos dos signos. Os signos das ideias, enquanto objetos, são: substantivo próprio (ideia individual); substantivo comum (ideia geral); adjetivos (ideias concretas de qualidade); participios (ideias de ação, de paixão ou de estado); artigos (extensão do nome); pronomes, que substituem os substantivos, enquanto a relação é o verbo (verbo ser) ou o verbo concreto (verbo ser com um participio). O

concreta ou adjetiva. Assim, as ideias adquirem um sentido, um significado. Essa relação entre a palavra e sentido é algo forte na compreensão da retórica, segundo Fontanier. Além disso, o sentido também pode ser subdividido didaticamente, sendo objetivo, literal ou espiritual. O sentido objetivo é o próprio sentido da proposição, lembrando que uma proposição só é uma frase se tiver sentido completo e acabado. O sentido literal é aquele que é compreendido a partir das palavras e seus significados, do sentido comum das palavras, entendido por qualquer indivíduo que entenda a língua. Já o sentido espiritual é o figurado, desviado do seu sentido comum a partir das palavras utilizadas, onde o sentido literal faz nascer outro sentido ao ligar as ideias presentes com as ausentes (Ricoeur, 2005. p.86). A teoria do tropo entende a figura da linguagem a partir do predomínio da palavra *sobre* o discurso, não da palavra *no* corpo do discurso, a partir do contexto que dá sentido à palavra.

A que se deve o surgimento das figuras de linguagem? O tropo acontece por necessidade e extensão ou por escolha e figura. A necessidade e a extensão se referem às palavras que ocupam um espaço vazio na língua corrente, uma lacuna lexical (bem visível na catacrese, por exemplo). A escolha e a figura evidenciam a substituição das palavras com fim ornamental e não de clareza do discurso. Fontanier, diz Ricoeur, busca classificar sistematicamente os tropos, não só em relação à metáfora e à analogia, mas também às catacreses, às sinédoques e às metonímias. O sistema de classificação elaborado por Fontanier preenche, no fundo, uma lacuna deixada por Aristóteles, que define a metáfora de forma genérica. A definição de Aristóteles, na verdade, é extensiva

a metonímia, metalepse, antonomásia, sinédoque, catacrese, etc. Vejamos o que diz Ricoeur:

Fontanier gaba-se de ter dado uma teoria exaustiva das relações entre ideias ao distinguir as *relações de correlação ou de correspondência*, as *relações de conexão* e as *relações de semelhança*; as três espécies de tropos as metonímias, as sinédoques e as metáforas de relações respectivamente. (Ricoeur, 2005. p. 94 ss. Grifos do autor.)

Nesta classificação, a metonímia tem uma intenção de exclusão onde as duas

nos traz uma intenção de inclus

nome, enquanto a metáfora extrapola esse limite, alcançando, além do nome, todo outro tipo de palavra (adjetivo, participio, verbo, etc.). Percebe-se a necessidade de classificar minuciosamente todos os elementos e os modos de ser das figuras, numa tentativa obstinada de estabelecer um paradigma para a taxionomia dos tropos.

Outro aspecto do trabalho taxionômico sobre a metáfora, nessa tentativa de classificar em minúcias aquilo que Aristóteles firmou sob a alcunha de metáfora, é a alegoria. Essa figura aparece, segundo Fontanier, a partir do sentido. Para ele, a alegoria tem sentido literal e sentido figurado ao mesmo tempo, sendo como duas histórias em uma, enquanto a metáfora só possui sentido figurado. De acordo com Fontanier, não quer dizer que a imaginação, que imputa o sentido figurado, possa produzir a figura semelhante à verdade, como em um quadro, ela vai além, proporciona a

<sup>37</sup>. Essa afirmação, feita por Fontanier, só é sustentada se a metáfora for considerada como um tropo de uma palavra só, o que é inconsistente frente à tido ao contexto, não à palavra isolada. Todavia, para sustentar essa diferença entre analogia e metáfora, se faz necessário o isolamento da metáfora como um tropo de uma palavra só. ta junto à palavra isolada, mas cim ao novo modo de ver que a palavra imprime dentro do contexto onde dstá inserida, ou seja, no discurso.

---

37

uma figura ambígua pode ser vista ora de um modo, ora de outro, e para exemplificar utiliza-se de alguns desenhos e entre eles a figura clássica da lebre-pato de Jastrow, na qual se vê em um momento o contorno de um pato e em outro de uma lebre. Wittgenstein ainda afirma que nós interpretamos a figura e a vemos como a interpretamos, do mesmo modo que um texto que apresente certa ambiguidade é interpretado ora de um modo, ora de outro.



A forma como se considera a metáfora toma a palavra como suporte da mudança de sentido ou faz com que o enunciado metafórico torne-se responsável pela mudança de sentido. Se só há transposição de uma palavra por outra, mudando o sentido, não se consegue ganho em conhecimento, mas, em ornamentação. No entanto, ao alterar uma palavra específica, pode-se moderar o sentido de todo enunciado, de todo texto, pois, como aponta Ricoeur, não é só a palavra que muda, mas, todo enunciado, por isso a

modo há acréscimo de conhecimento, algo expresso além do sentido específico de uma única palavra substituída. Ricoeur (2005, p.107-156), na construção de sua análise hermenêutica, revisita a literatura e exemplifica três modos distintos de expor o que chama enunciado metafórico, a saber, a retórica, a gramática lógica e a crítica literária<sup>38</sup>.

O método estruturalista entende as palavras como signos. O texto é um conjunto de frases e estas são feitas de signos que fazem juntos o sentido. Assim, a frase é um conjunto de partes ordenadas para um fim. A semântica e a semiótica parecem, neste ponto, completarem-se, uma vez que a linguagem é composta de signos (de que trata a semiótica) com significado (semântica). Ricoeur, apoiando-se nos trabalhos de E. Benveniste<sup>39</sup> discorda do exposto. Semântica e semiótica se completam, mas não dessa maneira. Trata-

língua, a semiótica estabelece o signo como elemento base, para o discurso, esse elemento é a frase. Essa distinção é fundamental para o estatuto cognitivo da metáfora, como veremos adiante. A frase obviamente é constituída por palavras, porém, elas significam em conjunto. Ao separar as suas partes não há melhor compreensão do significado intencionado, pois a frase não é resultado das palavras, mas sim do enunciado. Há uma relação entre as palavras, que podem ser distributivas ou integrativas. No primeiro caso, as palavras dispõem-se de uma forma tal que é possível papel de cada palavra em sua estrutura léxica. Enquanto que, no segundo caso, diferenciam-se os integrantes do texto e o modo como estes se relacionam em seus

A partir disso conclui-

os atos

---

<sup>38</sup> Para esse estudo Paul Ricoeur utiliza a referência retórica de I. A. Richards e Émile Benveniste, Modelo e metáfora em Max Black e a crítica literária em Monroe Beardsley. Alinhava os estilos e interesses de diferentes teóricos fazendo-os convergir à hermenêutica.

<sup>39</sup> Émile Benveniste, Problèmes de linguistique générale, Paris, Gallimard, 1966. Apud: Ricoeur, 2005.

discretos e sempre únicos pelos quais a língua é atualizada em palavras por um locutor (Ricoeur, 2005.p 251-257), onde todo discurso é compreendido como sentido em um acontecimento. Assim, distingue-

acontece e é entendido pelo que ele é, como se apresenta, enquanto a intenção do autor pode ser alcançada ou não com o discurso em questão.

Corroborando com a visão exposta, pode-se apontar um segundo par dialético, conforme a função identificante e a função predicativa. Na linguagem, é possível identificar o sujeito, aquele de quem se fala e qual sua função na mensagem. Afirma-se algo sobre alguma coisa, ou seja, predica-se o sujeito. Enquanto o sujeito é particular, a predicação é uma característica geral, uma qualidade que pode ser atribuída a qualquer sujeito. Mas essa predicação, que é geral, torna-se uma característica desse particular, do sujeito apontado. Assim, a semântica trata da função singular, enquanto a semiótica alcança a função genérica. O terceiro par d

ato de falar, enquanto o segundo é o modo de falar. Ao falar, emite-se uma mensagem, constituída de frases que conferem sentido ao discurso, porém, o modo de emitir essa mensagem pode interferir no sentido atribuído. Se falo de forma imperativa, tenho um entendimento, se interrogativa, ou assertiva, terei outro entendimento da mesma mensagem. Portanto, não é só o enunciado que dá sentido, mas também o modo pelo qual ele é proferido.

Essas distinções conduzem a um quart8(o)-19(d)29(pa)4(r)-6( )-129(di)38(a)-15(ló)-21(gi)38(c)4

A posição da semântica está ligada à intenção e a da semiótica aos signos utilizados para exprimir o que se intenciona, isto é, a semântica apresenta uma relação infra linguística enquanto a semiótica uma relação extra linguística.

Ricoeur cita Richards, mais especificamente o livro *The Philosophy of Rethoric* e a maneira como este descreve a retórica. A retórica é a teoria do discurso, do pensamento como discurso. [...como] um estudo da compreensão e da incompreensão verbal (Ricoeur, 2005). Ele não busca definir as figuras de linguagem, ou qualquer componente do discurso. Analisa o discurso e como este transmite o sentido. Para Richards, as palavras não possuem significados por si só, o sentido deve-se ao pretende um sentido, são partes de um contexto, cada uma delas participa do espaço do contexto. Não importa se as palavras possuem mais de um sentido, pois, ao participarem de um contexto, elas estão ocupando um espaço contextualmente ausente. As palavras isoladas têm um sentido, porém, quando organizadas em uma frase, não é o sentido individual que importa, mas o sentido da frase, do todo, de uma organização específica no discurso.

O discurso sem dúvida subordina o sentido atual da palavra ao sentido, totalmente circunstancial, da frase, mas não o dissolve nela. É que, nele, a semântica permanece em tensão com uma semiótica que assegura a identidade dos signos por meio de suas diferenças e de suas oposições (Ricoeur, 2005.p 127).

O signo não deixa de existir, só não predomina quando constituinte de uma frase, de um discurso. Existe uma tensão que direciona, mas não define. Quem predomina é a enunciação. Assim, a metáfora deixa de ser uma relaç(s)9(e)G[(.984 302.4s)-10(im)39( )-3

Max Black (1962), ao ocupar-  
 Não concorda, em parte, com Richard  
 não distingue as palavras e seu significado. Max Black afirma que a frase é que tem o  
 significado, mas é a palavra metafórica, não todas as palavras da frase, que insinua o  
 sentido ao enunciado inteiro. Max Black refere-  
*tenor vehicle*  
*focus frame*

-a no momento que a divide em

é fundamental em outro ponto nevrálgico da teoria da metáfora, a questão da cognição.  
 Tem-se a substituição de uma palavra pela outra, como já se dizia na tradição retórica  
 clássica, não há como imputar acréscimo ao conhecimento. A metáfora pode melhorar a  
 beleza e compreensão do texto, mas está só substituindo um termo por outro. Max  
 Black não nega esse aspecto da metáfora. Ao contrário, acrescenta-lhe uma nova  
 função, não ornamental, mas cognitiva. A função cognitiva é caracterizada pelo grupo  
 de metáforas que operam por analogia, semelhança, pois a relação de similitude não só  
 substitui uma palavra por outra, mas induz a uma comp

pensamento, que não simplesmente substitui um termo por outro. Hipoteticamente lobo  
 ideia. Por isso Max Black introduz o termo <sup>41</sup> para descrever essa nova ideia  
 associada à anterior, mais ampla e que se direciona melhor ao sentido desejado. Assim,  
 -estabelecido

específico. Assim, Max Black <sup>42</sup> e  
 implicações não  
 lexicais das palavras. Por outro lado, essa nova significação não se prende a nenhuma  
 Ricoeur utiliza- ), baseada na  
 sign

mas, sugere, no caso dos enunciados metafóricos, um outro sentido, uma frase possível.  
 Não entende a metáfora como ambígua, mas, antes, polissêmica ou múltipla. Desse  
 modo, a frase fica sujeita a mais de um sentido, a mais de um significado, induzindo  
 aqui ao ter  
 frase. O sentido que melhor se exprime a partir da frase é dado pelo contexto total do  
 discurso, da obra<sup>43</sup>. Há então dois saltos, naururfósujnt ,

. Ou seja, ao se afastar da significação da palavra para a frase verifica-se a importância da palavra no sentido do todo da frase, assim, sempre há atribuição da palavra ao enunciado metafórico. O que Beardsley acrescenta é o que Ricoeur denomina o trabalho do sentido: é, com efeito, o leitor que elabora (*work out*) as conotações do modificador suscetíveis de fazer sentido

. A metáfora é utilizada pelo poeta para dar um sentido à poesia, porém, esse não é o único sentido da poesia, pois pode ter tantos outros quantos forem possíveis de serem identificados pelo leitor. A metáfora não é definida pela linguagem, antes disso, ela participa da linguagem. É uma criação momentânea da linguagem. A incompatibilidade predicativa da enunciação metafórica induz a uma tensão que infere, por sua vez, a uma nova predicação que busca a compatibilidade. Essa nova inferência é a referência buscada para conferir sentido ao enunciado. A referência é do ouvinte/leitor, pois a nova significação emerge instantaneamente do leitor. Essa forma de conceber a metáfora é que fornece sentido ao

usada, mas sim àqueles que são possíveis conforme o entendimento do leitor. Quando a metáfora manifesta de maneira irrefutável seu sentido, estamos na presença de

á lexicalizada, pois é aquela que assume outro significado diferente do original, mas comum a todos, como exemplo boca do estômago, pé da cadeira, etc. A metáfora, ao morrer, deixa de fornecer o impacto cognitivo desejado para ser uma palavra como outra qualquer com sentido específico e lógico. Desse modo, deixa de ser um evento metafórico para ter um uso comum. Ao falar pé da cadeira visualizamos o objeto em questão, não há tensão entre dois sentidos, todavia, s

o empregado não é o que se entende literalmente por pé de boi<sup>44</sup>. Quem está acostumado com a expressão faz uma ideia de que é um bom trabalhador, é incansável ou tem alguma qualidade similar, de qualquer modo há uma tensão entre o significado literal, que não expressa algo crível e nos obriga a buscar outro sentido à expressão a partir de

A metáfora é, então, um acontecimento semântico que se produz no ponto de intersecção entre vários campos semânticos. Esta construção é o meio pelo qual todas as palavras tomadas conjuntamente recebem sentido. Então, e somente, então, a *torção* metafórica é simultaneamente um acontecimento e uma significação, um acontecimento significante, uma significação emergente criada pela linguagem. (Ricoeur, 2005. p.155)

---

<sup>44</sup> O

substitua o cavalo por um animal mais forte, o boi, que, devido suas características anatômicas, tem uma pisada mais firme e segura, permitindo arrastar pesos superiores aos suportados pelos equídeos.

O aspecto que se deve ressaltar é que metáfora é um acontecimento, uma criação momentânea da linguagem que manifesta um novo sentido à frase, lembrando que que aumenta a polissemia, a metáfora já não é metáfora viva , mas uma metáfora morta . Se o dicionário contiver algum significado que impute o sentido que se quer atribuir à frase, pela palavra em uso, não se tem o

A discussão até agora teve como fundo o estudo linguístico a partir dos trabalhos de língua inglesa, que tentam se afastar da retórica antiga ou clássica, tendo em vista que os filósofos anglo saxões se dedicaram antes e profundamente a este tema, que só apareceu na França no final do século passado. A própria teoria da substituição tem sido vista de modo diverso, porém, percebe-se que a substituição é interpretada segundo sua unidade fundante: a palavra ou a frase. Isso acrescenta muito pouco à teoria clássica, onde a metáfora é concebida como a substituição de uma palavra por outra. Ricoeur aponta Saussure como um inovador ao tema, pois fundamenta sua teoria sobre a linguística, não sobre a lógica proposicional, como faziam os anglo-saxões (Ricoeur, 2005. p.158). A ciência dos signos ou semiótica induz a uma percepção de estrutura onde a palavra, como signo, deixa de ter sua referência objetiva, ou seja, o significado do signo está de acordo com sua função no corpo da frase, portanto, não tem significado objetivo. A interação da palavra no sentido da locução está subordinada à semântica, o que produz a dialética entre semiótica e semântica e corrobora a teoria da interação, ou seja, o signo em uso interage na semântica do todo e não de modo particular, como apresentado antes pela teoria da substituição. O conceito de signo deixa de lado a correlação entre a palavra e a ideia para ser a relação entre conceito e imagem acústica como unidade básica da língua. A partir desse conceito inovador, busca-se explicar a metáfora e como ela se enquadra nessa nova visão. Porém, Saussure atenta-se à fala como fenômeno social, ao contrário da hermenêutica (através da fenomenologia da fala) que valoriza o discurso. A metáfora opera no nível do sentido, é uma abstração do

habitual da palavra. É certo que pela abstração a palavra perde sua referência a um objeto individual para revestir- (Ricoeur, 2005. p.167). A palavra deixa de ser um signo, deixa de representar um objeto, para representar um valor. A metáfora confere um sentido que classifica a palavra em um grupo de qualidades

impressas pela substituição. Desse modo, são duas as significações exigidas pela palavra metafórica, a saber: a significação lexical da palavra e a significação possível de ser abstraída, ambas aproximadas pela semelhança.

Para Ricoeur (2005), a palavra contém sentido e referência<sup>45</sup>. Em alguns casos se é o caso da sinonímia, ou, ainda, um único nome para vários sentidos, caso da polissemia. Tanto a sinonímia como a polissemia são possibilidades da língua. A polissemia auxilia na economia de vocabulário, se fosse obrigatório um sentido único para cada palavra ter-se-ia um número absurdo de vocábulos para descrever a variedade de experiências possíveis. Todavia, a polissemia gera certa ambiguidade nos termos, o da polissemia, não confere sentido à palavra retirando o sentido da palavra ausente, antes, mantêm ambos os sentidos permitindo mais de uma leitura.

O primado da comparação é, com efeito, propriamente psicológico. Esnaut ressaltara- afirma uma identidade i . Ullman, depois dele observa: metáfora é, em última análise, uma comparação abreviada. Mais que constatar explicitamente as analogias, comprime-as em uma imagem que têm A percepção de uma semelhança entre duas ideias é justamente segundo a expressão de Aristóteles *to homoion theórein a chave da metáfora*. (Ricoeur, 2005. p.185)

A comparação entre os sentidos provocados pela metáfora vai além de uma simples analogia entre palavras, ela incita uma imagem, ou melhor, duas imagens, que, justapostas, apresentam uma nova ideia, pela força ou tensão que a semelhança provoca. É justamente a distância entre as duas ideias formadas que torna surpreendente a metáfora. Para Saussure, o signo linguístico une não uma coisa e um nome, mas um conceito e uma imagem acústica. Aproxima o conceito da palavra utilizada e a imagem formada pelo sujeito. Desse modo, o signo não é estanque como uma referência presa à inflexibilidade da literalidade, à lexicalização históric

---

45

associado a um símbolo (nomes, combinação de palavras, caracteres), além daquilo que designa, que se

ma, mas não o seu sentido. A

próprio, que, portanto, tenha como referência um determinado objeto (esta palavra tomada no seu alcance mais amplo), mas não um conceito ou relação, que deverão ser tratados por mim em outro artigo. A designação de um objeto singular pode também consistir em muitas palavras ou em ou (Frege, Gottlob. (1892). Sobre o Sentido e a Referência.)



seja, a inovação semântica é uma maneira de responder de modo criativo a uma provocação posta pela experiência do mundo. Esse jogo de sentido infligido pela metáfora, com base na linguística saussuriana, traz uma inquietação que remete novamente à semântica da frase e da palavra, à teoria da metáfora-substituição e metáfora-interação. Fato visível às colocações de Wittgenstein, nas *Investigações filosóficas* a significação de uma palavra é seu uso na linguagem

conduzir a significação lexical da palavra ao uso, a palavra tem sentido em uma frase a partir do contexto. Benveniste, em *La forme et le sens dans le langage*, afirma que o sentido de uma frase é sua ideia, o sentido de uma palavra é seu emprego (sempre na emprego tem (Ricoeur, 2005. p.201). Desse modo, o referente

palavra deixa de ter uma significação particular para fornecer à frase um sentido, uma

palavra, se mantém apenas quando isolada com seu significado. Porém, quando agrupadas, perdem essa lexicalização para exercer uma função dentro do conjunto e, juntas, expressam a ideia. A palavra, utilizada de forma metafórica, faz com que essa

ideias, há a introdução de uma terceira, que abre um novo olhar no mundo em um plano possível e imaginável. Portanto, o signo une uma coisa a uma imagem acústica (Saussure) e quando este signo está inserido em uma sequência de sinais, seu sentido deixa de referir-se

imagem formada pelo indivíduo é particular, mesmo que seu sentido léxico nos pareça universal, essa ideia tem particularidades que podem afastar a intenção do escritor do entendimento do leitor, ou seja, há um desvio da mensagem intentada para a compreendida. Como determinar esse desvio? Ao se determinar o desvio entre a escrita e aquilo que o leitor interpreta espera-se ter a melhor conformidade entre o escrito e o interpretado, ou ainda, a segurança na leitura interpretativa.

## 2.1. O GRAU ZERO DA METÁFORA

A nova retórica<sup>46</sup> reaviva a figura de linguagem e busca completar a classificação aristotélica (metáfora, metonímia, sinédoque, etc.) e sua influência na mensagem do texto. Ressalta o desvio (*epiphorá*) metafórico, ou, melhor, apresenta uma

justamente a questão do desvio que norteia o estudo V, de *A Metáfora Viva*. Ricoeur problem0(to.)-1tica a q(a)-15(s)9(t)-21(ã)4(o)-19( )-169(d)20(o)-19( )-169

particularmente visado pela linguagem científica, que utiliza menor número de figuras do que a literatura. A estatística é a disciplina que estuda os desvios nas ciências, do mesmo modo que a estilística, na prosa, estuda os desvios linguísticos, sempre partindo de um ponto relativo e pré-determinado. A linguagem científica utiliza as figuras de linguagem principalmente como modelo ou exemplo para aproximar a ideia daquilo que se explica, porém, sempre busca uma única interpretação do que é dito. Essa é a proposta de Cohen, quando fala de linguagem neutra, isto é, uma linguagem que não permite uma leitura diferente da intenção do autor em nenhum aspecto, ou tende para o mais próximo disso. O uso das figuras de linguagem permite determinar o grau de desvio. Porém, se é possível diminuir o uso das figuras de linguagem, deixa-se também a ideia de duplicidade de linguagem, de uma intenção além da literal. Um terceiro modo, reconhecido por Ricoeur (2005, p. 220), é aquele apresentado pelos autores da *Rhétorique générale*, que é uma construção do grau retórico zero a partir da metalinguagem. Recordando, Genette propôs um sentido virtual, Cohen, um sentido real, e os autores da *Rhétorique générale*, um sentido construído. Enfim, todos buscam dar conta do grau retórico zero e assim controlar o desvio sêmico apresentado no uso das figuras de linguagem. Todos querem o controle da metáfora, o domínio do possível desvio da mensagem no sintagma que se apresenta. E ao fazer isso acabam retornando ao que Genette afirma como sendo um paradigma virtual. Afinal, o que é esse desvio?

Quando se fala em desvio, lança-se mão de uma metáfora, pois o próprio termo guagem. Vejamos o diagrama de um plano: uma mensagem (A) parte do emissor com um objetivo a ser alcançado (B). Traça-se então uma reta de A até B. Esse seria o caminho mais curto e retilíneo. Qualquer caminho que não seja direto entre A e B será um desvio. Apliquemos agora o diagrama espacial do desvio ao plano linguístico. Podemos dizer que os signos utilizados, ou seja, o sintagma apresentado fornece uma ideia (A), essa ideia se apresenta como um contorno de figura, ou seja, uma representação plena dessa ideia. Ao mesmo tempo, o sentido virtual, apresentado pela metáfora, proporciona outra ideia (B), outro contorno de figura, o

e figura (C), que mune o poeta em seu trabalho. Anula qualquer referência que se possa ter a partir dos dois primeiros contornos de figura (A e B) em favor de um terceiro (C), intraduzível e sem função referencial.

so deve ser tratada como toda figura, ela denota a distância entre a letra e o sentido virtual, e conota todo um regime cultural, o de um homem que privilegia na literatura contemporânea a sua função autos (Ricoeur, 2005, p. 228).

O sentido do espaço interior do discurso é conotado e inefável. Exprime mais do que ali é dito, pois faculta uma interpretação que extrapola o plano linguístico. O discurso pode ser percebido através das ideias evocadas pelas figuras e os discursos carentes de figura, além de mais raros, parecem distantes, isto é, são pouco envolventes e mais monótonos e cansativos. O que dá corpo ao discurso são as figuras nele introduzidas. A metáfora não pode ser descrita de outra forma, ela transgride as regras linguísticas, é um desvio da regra. Pode embelezar a mensagem ou proporcionar o conhecimento: adorna a mensagem quando sua função é só ornamental; acrescenta algo novo quando produz uma imagem do mundo. Pode-se dizer que a metáfora não é o que aumenta o desvio, pelo contrário, ela o diminui. O desvio só existe a partir do sentido literal das palavras, mas quando o exprimido vai além do literal, transgredindo as regras lexicais, a ação metafórica proporciona algo novo sem desviar a mensagem emitida da mensagem recebida. Fica claro que a teoria da interação é que melhor cabe à metáfora e não a teoria da substituição. Como aponta Ricoeur:

O sentido metafórico é um efeito de todo o enunciado, mas focalizado sobre uma palavra que se pode chamar palavra metafórica. Eis porque se deve dizer que a metáfora é uma inovação semã seBT38(a)-15( )-9(da)-15( )-29(iBT1.3 Tm2)24( )-7(i)-



## 2.2. O CARÁTER ICÔNICO DA METÁFORA

Ricoeur nos chama a atenção para o trabalho da semelhança. A semelhança é algo contido na metáfora e permanece desde Aristóteles até a contemporaneidade. Ele encontra na *Réthorique générale*, estudo VI de *A Metáfora Viva*, algumas considerações que direcionam ainda mais ao seu campo de análise, a hermenêutica. Ricoeur retoma o problema que discute a relação entre a teoria da substituição e a teoria da interação.

É, com efeito, primeiramente entre as ideias das quais as palavras são os nomes que a semelhança opera. Em segundo lugar, no modelo, o tema da semelhança é fortemente solidário com os de empréstimo; de desvio, de substituição, de

O conhecimento não é conquistado a partir do que consideramos semelhantes

metafóricas de Charlie Chaplin, no cinema. A metonímia opera a combinação com uma relação de contiguidade, encadeando uma informação à outra de forma contínua e de acordo com a norma de sintaxe, enquanto a metáfora seleciona os termos a partir da similaridade. Enquanto a metonímia apresenta uma figura desviada, mas, de vizinhança e proximidade explícita, a metáfora apresenta duas figuras diferentes, cuja significação

Chaplin, é uma comédia que parece ingênua àquele que a vê na superfície, a obviedade da mensagem torna-se, ao mais judicioso, uma crítica social de grande profundidade e capaz de reflexões fecundas, ou seja, aquilo que pode parecer só um passatempo, um adorno, mostra-

ativo, abstraído do próprio enredo. Enquanto o filme , dirigido por Griffith, traz uma mensagem próxima ao que demonstra, também produz grande profundidade e reflexão. É um filme polêmico que relata a história de dois irmãos que visitam uma família em Piedmont, Carolina do Sul. Amigos que são afetados pela Guerra Civil, pois os amigos de Piedmont se alistam no exército Confederado enquanto os irmãos juntam-se às forças da União. Retrata as consequências da guerra civil americana na vida destas duas famílias e as relações com os principais acontecimentos históricos, como o crescimento da Guerra da Secessão, o assassinato de Lincoln e o nascimento da Ku Klux Klan. Além de ser um filme longo, novidade na época, relata os problemas como de fato eram e essa exposição causa repulsa até hoje por ser escravocrata e parecer apoiar as ações da Ku Klux Klan, o que o diretor sempre negou. Reflete em seus *flashes* históricos a vida como ela é, onde o espectador da ficção se identifica, ou melhor, não quer se identificar, com o enredo muito próximo do real, personagens negros sendo representada por atores brancos pintados de negros, que chocou a quem assistiu sua estreia em 1915 e ainda desperta crítica até hoje. Neste filme não usamos a imaginação a partir do enredo em si, mas,

---

Gosciola (2003), Gilles Deleuze (2004), Marcel Martin (2005), Paulo Viveiros (2005), Ken Dancyger (2006), entre outros, os contributos de Griffith, para a evolução da montagem cinematográfica, foram inúmeras, destacandose: a variação de planos para criar impacto emocional, incluindo o grande plano geral, o close-up (grande plano), insert (plano de pormenor de um objeto), câmara subjetiva (o ponto de vista da personagem ou do ator) e o travelling (deslocação da câmara de filmar no espaço), a montagem alternada, a montagem paralela, os flashback (retrocessos temporais), as variações de ritmo, entre outras grandes contribuições. Marcel Martin (2005) realça que se não foi Griffith o inventor nem da montagem nem do grande plano, pelo menos foi ele o primeiro a saber organizá-

s da Montagem Cinematográfica: os contributos da escola norte-americana e da escola soviética, Instituto Politécnico da Guarda. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-canelas-cinema.pdf>.

pela identificação de histórias contíguas. Assim como a imagem cinematográfica, que é a corporificação de um texto em suas cenas e personagens presentes, o texto comporta cenas presente- um signo imediato de seu sentido literal e um signo mediato de seu sentido figurativo (Ricoeur, 2005, p. 289), do mesmo modo que as cenas de um filme que podem demonstrar muito além da imagem presente. A metáfora não se esgota na imagem que apresenta, seja no texto ou no filme, devido ao trabalho de semelhança da imaginação criadora que pode transformar a metáfora em um discurso, visto que não se exaure em uma referência ou em um sentido, mas em contextos de interpretação e leitura.

Paul Henle, segundo Ricoeur (2005, introduz o caráter icônico que especifica a metáfora entre todos os tropos independente da associação no espírito do escritor ou do leitor, como um esquema ma apresentado e constrói a imagem equivalente. Essa é a razão para a expressão mediata da metáfora diferenciar-se dos outros tropos, que têm expressão imediata. Ricoeur (2005, p.291) lamenta que Henle tenha orientado suas observações em uma teoria emocionalista e assim perdido o reconhecera perfeitamente a ligação entre o jogo da semelhança e a inclinação ao desenvolvimento no próprio plano cognitivo considerar o enunciado completo para se construir o ícone. É novamente a ação metafórica que deve ser posta em evidência, a metáfora viva, não outra. O ponto crucial da metáfora é seu poder cognitivo. A semelhança entre as coisas é patente, sempre há algo de semelhante entre uma coisa e outra, semelhante não idêntico, ou seja, a similitude não supõe a identidade, mas, a diferença. Ao afirmar que - isto [é] aquilo-, Aristóteles (Retórica, III, 1410 b-19) consagra a comparação efetivada na metáfora em sua própria função, o método usufruído pela metáfora é o da semelhança e diferença que altera de modo genioso o sentido literal para o sentido figurado. Não seria uma indicação da ontologia da metáfora o que Aristóteles está apontando?

Examinemos esta questão. O entendimento icônico da metáfora inclui a imaginação. Resta saber como ela se relaciona com a tensão entre a semelhança e a Tratada como esquema, a imagem apresenta uma dimensão verbal (Ricoeur, 2005, p. 305). Conforme Kant, na *Crítica da Razão Pura*, o esquematismo é o método de atribuir imagens aos conceitos. Ao lado de Marcus B. Hester, Ricoeur (2005) questiona se a imagem não é o momento culminante de uma teoria semântica. A hipótese levantada



a ideia de um esquematismo da atribuição constitui, na fronteira da semântica e da psicologia, o ponto de ancoragem do imaginário em uma teoria semântica da metáfora. Hester, segundo Ricoeur, dá a entender que o leitor, ao ter acesso ao poema, funde o que lê aos sentidos que evocam,

são impressões sensoriais, evocadas na memória, que auxiliam a interpretação utilizando todos os dados disponíveis aos sentidos, permitindo a abertura a um imaginário ilimitado, uma experiência virtual e graduada. Os sentidos nos auxiliam na

A iconicidade, à diferença da simples associação, implica o controle da imagem pelo sentido; em outros termos, é um imaginário implicado na própria linguagem, que faz parte do próprio jogo de linguagem (Ricoeur, 2005, p. 323). Desse modo, a linguagem tem controle sobre o imaginário, sendo o poeta o grande artesão, pois procura as palavras que se materializarão em ícones, avultando o imaginário do leitor. Ricoeur

modo sob o qual o imaginário é  
entre *veículo e conteúdo*: na metáfora poética, o *veículo* metafórico é *como o conteúdo*, e de um ponto de vista, mas não de todos os pontos de vista, explicar uma metáfora é enumerar os sentidos apropriados nos quais o *veículo* *conteúdo*  
mantém juntos o sentido e a imagem. (Ricoeur, 2005, p. 324)

O imaginário tem origem na linguagem. Ao ler, transfere-  
junto do mundo do intérprete, que co  
referência histórica e social. O termo metafórico é o veículo, que pela imaginação, nos

muitas são as interpretações, embora seja ao mesmo tempo uno e particular, devido ser  
interpretação de um indivíduo, compartilhada ou não por outros.

Trata-se de uma leitura que transcende a literalidade, é particular e entranha no sentido e na imagem, que, juntas, fornecem o significado figurado, um misto de pensamento e experiência. O sentido e a imagem desencadeiam um fluxo de imagens sem controle voluntário. As imagens fornecem informações que são vistas ou não, como no caso das imagens ambivalentes como a lebre/pato em que ora se vê uma imagem, ora outra. A percepção também pode se alterar, aspectos que outrora não haviam sido

percebidos são evidenciados, o olhar modifica-se com interesses e conhecimentos que a imagem suscita. Há sempre uma tensão na metáfora viva, tensão esta que desaparece na metáfora morta. Na metáfora morta a ação é como na substituição de palavras, o sentido só altera de acordo com as regras lexicais. A metáfora representa a aurora da linguagem, embora receba, com a ação do tempo, classificação lexicográfica.

### 2.3. HERMENÊUTICA E METÁFORA

Mostrou-se que o enunciado metafórico possui um sentido. Resta saber em que medida este sentido, enquanto produção da linguagem reflete o sensível? De que forma o enunciado metafórico manifesta o real? São questões delicadas e que devem estar ao alcance da metáfora. Como a impertinência de um enunciado pode revelar uma imagem e essa imagem ter função cognitiva? Esses são alguns assuntos imprescindíveis na compreensão da metáfora no discurso filosófico. Vamos analisar a referência do discurso na intenção de esclarecer esses problemas.

São dois os níveis de compreensão da referência: o nível da semântica e o nível da hermenêutica. O primeiro, já examinado anteriormente, diz respeito à frase no discurso, enquanto que o segundo relaciona-se a toda extensão do discurso. Do mesmo modo que se discutiu a participação da palavra no enunciado, palavra como a unidade básica da frase, pode-se iniciar o estudo sobre o discurso considerando que a frase é a unidade base no texto. A palavra influencia o sentido do texto, se considerarmos a sua função sintática. Isolada, a palavra não desvela o intento pretendido. A frase isolada também não revela o pensamento presente no discurso, ela é parcial, incompleta e insuficiente. Ao discutir sobre a frase no discurso, está-se referindo à estrutura do discurso. Porém, a estrutura não é suficiente para se entender a obra, faz-se necessário

campo de ação possível do discurso. Autor e leitor compartilham este mundo, caso contrário a comunicação não seria possível. A obra, ao ser desvelada, apresenta duas ordens denotativas, a primeira, que expressa literalmente o que é dito/escrito, segundo suas regras sintáticas, e a segunda, marcada pela denotação, que suspende a primeira e atribui uma significação nova. Desse modo, há duas referências, uma suspensa e outra desvelada, no fenômeno da metáfora. Interpretar é tomar determinado sentido. E como lidar com essa duplicidade de referência?

Ricoeur (2005, p.340) utiliza a classificação de Jakobson<sup>49</sup>, sobre os componentes da comunicação para clarear a questão da referência no discurso. Segundo

---

<sup>49</sup> Os seis fatores da comunicação, segundo Jakobson, são: emissor, destinatário, código, mensagem, contato, contexto- e faz corresponder a seis funções: ao emissor corresponde a função emotiva, ao destinatário a função conativa, ao contato, a função fática, ao código a função metalinguística, ao contexto a função referencial e a f

confere estilo ao texto, a musicalid

poética analisa a fônica do discurso e o modo como influencia o sentido. Enquanto a poesia é um subgênero da literatura, mais especificamente do gênero lírico que apresenta a função poética, assim como os outros gêneros, a saber, o narrativo e o dramático.

(Ricoeur, 2005, p. 342).

A ambiguidade metafórica duplica o emissário e o destinatário e assim altera toda comunicação. Ricoeur lembra que os contos de fadas da ilha de Maiorca

*Aixo era y no era*), asserção

que representa o melhor exemplo de duplicação de sentido. Toda fábula tem um sentido literal e um sentido figurado, a mensagem é duplicada uma é a história, o enredo, e

contudo, ambas coexistem, uma não anula a

referência está na

primeira, enquanto que a segunda é justamente a ausência da referência real/literal para evocar a referência virtual/abstráda. Essa abstração não é possível frase a frase, mas sim na obra inteira. O discurso possui um sentido denotativo, descritivo, objetivo, e

apresenta-se subjetivamente como verdadeira, mas objetivamente como não verdadeira.

fora nos

apresenta uma referência figurada e possível a partir de uma referência literal e

Seria então um erro categorial que abriria caminho para a nova visão?

Nelson Goodman é citado por Ricoeur (2005, p. 352) por sua contribuição com a teoria denotativa da metáfora. Realça a importância simbólica dos objetos e acontecimentos e o modo como são remetidos na referência. Nelson Goodman considera referência e denotação como sinônimas. A denotação é definida de modo amplo e pode ser compreendida do mesmo modo como faz o escritor ao representar alguma coisa. Ao ver o objeto, ou o acontecimento, tanto o artista quanto o escritor buscam informar a partir de símbolos isso que foi contemplado. O artista com pincel e tinta, argila, ou qualquer outro material, procura retratar a realidade, do mesmo modo, o escritor, através das palavras organizadas em frases, também tem a intenção de reordenar a realidade. Ambos à procura de construir algo que comunique a realidade percebida a partir da realidade dos símbolos. Nessa reconstrução da descrição do mundo há uma reorganização dos fatos da língua a partir de uma deformação coerente que

perfaz a denotação, a referência. Seria simples se Goodman só considerasse essa forma de conceber a referência, porém ele diz que há outro modo de sua existência: a exemplificação. Nesse outro modo é que Ricoeur vislumbra a participação do enunciado da metáfora. Resta saber o

A partir da obra de Max Black, *Models and Metaphors* (1962), Ricoeur rando o exemplo e o modelo como muito próximos, a exemplificação atribui uma significação a conjuntura. A metáfora transfere um sentido a outro, algo que o mesmo modo que em um exemplo afiguram-se os mesmos predicados presentes no *possui a cor cinza*

*exprime* <sup>50</sup>. Um exemplo de uso metafórico. O quadro possui a cor cinza, à cor cinza é atribuída à *posse da cor, é transferida ao quadro, possui*

por Goodman como etiquetas que são transferidas de uma coisa à outra. Desse modo, Ricoeur, vê uma ligação forte entre metáfora e referência, pois a figura não é só um ornamento, ela é um predicado, uma nova atribuição de como compreendemos as coisas do mundo. *e figura* são, portanto, maneiras diferentes de aplicar predicados, de dar amostras de etiquetas (Ricoeur, 2005, p. 359), isto é, de uso da imaginação, pelo trabalho do semelhante, ao associar/etiquetar as coisas. Do mesmo modo, é possível etiquetas a um conjunto de objetos que Max Black e

Ricoeur

A diferença do literal e do metafórico introduz de toda maneira uma dissimetria na conveniência; uma pessoa e um quadro assemelham-se quando estão tristes? Mas uma o está literalmente, a outra metaforicamente, conforme o uso estabelecido de nossa linguagem. Contudo, caso se queira ainda falar de semelhança, é necessário dizer, com Max Black, que a metáfora cria a semelhança, mais que a encontra ou a exprime. (Ricoeur, 2005, p. 361)<sup>51</sup>

o, a referência, que é impertinente ao enunciado no sentido literal, provocando outro significado possível, que

<sup>50</sup> Exemplo utilizado por Ricoeur.

<sup>51</sup> Ricoeur, nessa citação, refere-se a Max Black, 1962. p.37.

*tal*                    *tal*

se fala metaforicamente, ou seja, atribuindo o predicado de

-

mais e melhor o mundo. Não é o caso de construir um modelo concreto, mas o modo de pensar ou calcular que se altera. Pensando em metáfora nos moldes de modelo, vários aspectos somam-se aos aqui já enunciados.

- 1) O modelo consiste antes em uma rede complexa de enunciados; seu correspondente exato seria a *metáfora continuada* a fábula, a alegoria -; modelo tem seu equivalente em uma rede metafórica e não em uma metáfora isolada. [...]
- 2) O segundo benefício da passagem pelo modelo é que ele põe em relevo a conexão entre função heurística e descrição. (Ricoeur, 2005, p. 371 ss)

Dois aspectos devem ser reforçados, o primeiro é que o discurso representa o mundo possível da metáfora. Ela não deve ser interpretada quanto à transferência de uma palavra por outra, mas considerando todo o discurso, todo o poema, sendo o modelo do todo. Isto é, uma metáfora está interligada a outras no mesmo texto e essa conexão entre todas as metáforas constrói o modelo metafórico. O outro aspecto é que a metáfora permite mais de uma visada sobre o texto e cabe ao leitor a interpretação, a

no mundo. Ricoeur (2005, p. 373) aproxima essa visão heurística com a descrição de Aristóteles de *mimesis* e *mythos*, - *mythos* trágico, com efeito, apresenta todos os

arquétipos, isto

-. O *mythos* é a

descrição do mundo grego antigo, as referências de conduta e dos comportamentos permitidos e dos não permitidos, que orientavam o cotidiano dos deuses, alicerces dos valores sociais, onde todos se reconheciam. Enquanto a *mimesis* é a descrição desse mundo, a denotação é o *mythos*. *Mimesis* concebida como imitação, inscrição do modelo de mundo, não cópia. Astúcia da *mimesis*: trocar o primeiro pelo segundo. Se a *mimesis* não é cópia, mas, modelo, conecta a realidade ao *mythos*, assim como o teatro grego retratava o comportamento humano através de uma imagem do mundo com a presença dos deuses e o caráter do homem, os motivos da ação, suas consequências peníveis (quando há gravidade da falta - tragédia) e exageros ridículos, pilhérias e velhacarias (espécie de erro sem dano - comédia). A *mimesis* é a representação da conduta humana dentro de um mundo ordenado pelos *mythos*.

São evidentes as diferenças entre a função retórica e a função poética do discurso. Enquanto que a primeira imputa a beleza, adorna o texto deixando-o mais a realidade pelo caminho indireto da ficção heurística (Ricoeur, 2005, p. 376). A metáfora está a serviço da função poética, permitindo uma descrição indireta no nível mítico onde a descoberta, que é sua função, é liberada. A





## **TERCEIRO CAPÍTULO**

### 3. A PARTICIPAÇÃO DA METÁFORA NO DISCURSO FILOSÓFICO

Nosso ponto de partida foi o problema de como conciliar figura de linguagem e conceito filosófico. A imagem e o pensamento abstrato. Derrida, na *Mitologia Branca*, questiona se à filosofia é possível ser praticada com o uso de metáforas. O que está em

é, como atrelar intuição e conceito sem sacrificar o que se entende por filosofia.

Iniciemos nossa análise do problema por esta curiosa citação de Derrida:

A metáfora é, portanto, determinada pela filosofia como perda provisória do sentido, economia sem prejuízo irreparável de propriedade, desvio certamente inevitável, mas história com vista e no horizonte da reapropriação circular do sentido próprio. É por isso que a avaliação filosófica foi sempre ambígua: a metáfora é ameaçadora e estranha ao olhar da intuição (visão ou contato), do conceito (alcance ou própria presença do significado), da consciência (proximidade da presença em si); mas é cúmplice do que a ameaça, é-lhe necessária na medida em que o desvio é um regresso guiado pela função de semelhança (mimesis e homioiosis) sob a lei do mesmo. A oposição da intuição, do conceito e da consciência não possui, neste ponto, qualquer pertinência. Estes três valores pertencem à ordem e ao movimento do sentido. Como a metáfora.

A metáfora traz, portanto, sempre a sua morte em si mesma. E essa morte é sem dúvida também a morte da filosofia. Mas este genitivo é duplo. É tanto a morte da filosofia, morte de um gênero pertencente à filosofia que aí se pensa e se resume, aí se reconhece e aí se cumprindo; como a morte de uma filosofia que não se vê morrer e já não se encontra aí. (Derrida, 1991, p.312)

O problema levantado por Derrida é a impertinência entre a metáfora e a intuição, o conceito e a consciência. O surgimento dessa impertinência é o ponto de discordância entre Derrida e Ricoeur, pois, se a metáfora é perda provisória de sentido, em um primeiro momento, para, em seguida, reapropriar circularmente o seu sentido próprio, está-se falando na substituição de uma palavra por outra com um lapso de tempo vazio, que será preenchido em seguida. Esse preenchimento se faz ao efetuar a transferência de sentido. Essa lacuna fornece a impertinência metafórica, que é novamente preenchida pelo semelhante que recupera a pertinência perdida ao apresentar outro sentido não lexical para as palavras. Em outras palavras, seria o recurso à intuição consciente de um novo sentido à procura de restituir o conceito, ora ausente. Se o conceito está em função do sentido e da referência encontrados em todas as palavras lexicalizadas, e a intuição está em função de um significado que possa substituir este sentido, então a ambiguidade do termo metafórico presume uma oposição entre a intuição e o conceito. Ora, isso é assim devido ao próprio concei

imagens. Como racionalmente, conscientemente, substituir a palavra pela imagem e retornar à palavra? Derrida afirma que, ao fazer isso, a metáfora morre, pois é estabelecido um novo sentido lexical

ntemos: a filosofia que se entende desse modo já não morreu? O que morre é o sentido conceitual subjugado por outro (não conceitual), desvendado intuitivamente e incompatível com o primeiro. Morre a metáfora, a figura, e a filosofia sucumbe no mesmo gesto, pois o conceito é o coração da filosofia ameaçada pela imagem instaurada pela metáfora. Porém, Ricoeur não interpreta dessa maneira e este é um conflito entre os dois, Derrida e Ricoeur, que discutiremos mais à frente.

Estas observações de Derrida podem ser interpretadas como se a metáfora estivesse ainda atrelada à transferência de sentido de um termo a outro, uma vez que o sentido próprio (conceitual) é reintegrado a partir da passagem pela semelhança. Neste sentido, o perigo que a metáfora representa está na impertinência entre conceito e a imagem que restitui, circularmente, o léxico da palavra. Em outras palavras, se a metáfora é e o que entre o termo presente e o ausente na mesma oração, como se pode obter seu significado? No intuito de responder a essa questão, faremos a rememoração de alguns apontamentos feitos por Paul Ricoeur e Max Black para, em seguida, retornarmos ao embate de Derrida sobre a metáfora e a morte da filosofia.

### 3.1. ESQUEMATIZAÇÃO DA ASSIMILAÇÃO PREDICATIVA E O *INSIGHT*.

Para Paul Ricoeur<sup>55</sup>, o entendimento da construção metafórica demanda uma teoria que vai além da transição entre termos, como pensa certa tradição<sup>56</sup>, e como parece ser o caso também de Derrida em *A Mitologia Branca* e *A Retirada da Metáfora*. Demanda uma teoria que também vá além da interação de enunciados metafóricos, como diz Max Black<sup>57</sup>. A razão disso está em que Ricoeur procura o envolvimento de uma teoria da *semântica* da metáfora e uma teoria *psicológica* da imaginação e do sentimento. Ou seja, para ele, a metáfora, presente em um discurso, ocasiona a produção de imagens. Essas imagens são carregadas de experiências sensoriais mais ou menos densas, que produzem um sentido metafórico. O imaginado, assim, é fruto da estrutura que imagina. Essa produção imagética é conectada ao que Paul Ricoeur denomina de *esquematização da assimilação predicativa* *insight*, que seria a nova predicação encontrada a partir da imagem. Imagens essas que, por sua vez, são novamente organizadas, resultando a inovação semântica. Note-se que, para ser relatada, a descrição da experiência com as imagens retorna às palavras, isto é, ao gesso da linguagem.

Max Black aponta dois aspectos para graduar a metáfora, a saber: ênfase e ressonância. O primeiro aspecto, a ênfase, é dito conforme a especificidade do uso deste ou daquele termo metafórico, onde sua mudança interfere no significado proposto pelo autor. Neste caso, quanto mais enfática a metáfora, menor a liberdade de substituição do vocábulo em questão, quanto menos enfática, mais facilmente se encontra substitutos ao receptor para perceber o que está por trás das palavras utilizadas precisa da cooperação do receptor para perceber o que está por trás das palavras utilizadas. No segundo aspecto, a ressonância, o que está em jogo é a possibilidade de elaborações futuras por parte do leitor/ouvinte, tanto mais ressonante quanto maior a elaboração deste na permuta dos vocábulos metafóricos. Assim, considera uma metáfora forte quanto maior sua graduação em ênfase e em ressonância.

---

<sup>55</sup> Paul Ricoeur, O processo metafórico como cognição, imaginação e sentimento. Tradução: Franciscus W.A.M. van de Wiel. In: Sheldon Sacks. 1992. p. 145-160

<sup>56</sup> metáforas significam, In: Sheldon Sacks. 1992. p.35-52.

<sup>57</sup> Max Black. More About Metaphor. In: Ortony, 1979. p. 19 43.

Analisando dessa forma, Max Black (Ortony, 1979. p. 36) defende a subsistência cognitiva no uso de metáforas, deixando longe a tradição que assinala a práxis metafórica apenas como ornamento. Sua asserção se deve às conexões abertas pelo uso da metáfora. A realidade se modifica a partir do significado metafórico, não necessitando uma descrição da própria realidade. O que ocorre é que o sentido deixa de ser particular ao discurso/texto a este ou aquele leitor e se torna acessível a todos. Assim, além da metáfora se desprender do termo próprio, como uma simples transposição de sentido, difunde-se pelo discurso, e se tem ainda um ganho cognitivo ao se perceber o que não é literal ao vocábulo, dando de empréstimo um novo significado

é dessa maneira que a teoria da metáfora depende de

uma semântica da sentença <sup>58</sup>. Rompe com a ideia de associação por semelhança e, em lugar disso, sugere uma tensão entre congruência e incongruência.

A assimilação predicativa envolve, dessa maneira, um tipo específico de tensão que está não tanto entre um sujeito e um predicado quanto entre congruência e incongruência semânticas. O *insight* da semelhança está na percepção do conflito entre a incompatibilidade anterior e uma nova

*semelhança* é ver o mesmo apesar, e através, da diferença. (Ricoeur In: Sacks, 1992. p. 150. Grifos do autor)

O *insight* é um ver e ao mesmo tempo um pensar, diz Ricoeur. A semelhança

busca-se, por semelhança, outras possibilidades, possibilidades que possam harmonizar, ou seja, inclinar-se à congruência. Essa busca nos leva a *ver* o conflito em vários outros mundos possíveis e, desses, o que for mais próximo do leitor/ouvinte, é o mais congruente à ocasião. A

interpretações, independente de espaço e tempo do texto, do escritor. Ou seja, a obra tem autonomia e sua interpretação não depende nem de onde foi elaborada nem do momento em que foi escrita, pois sempre será lida e tomada em determinado sentido de acordo com o espaço e tempo do leitor.

*insight*, isto é, um modo intuitivo de conhecer, não seria paradoxal falar de metáfora filosófica? Ou, para falar de metáfora filosófica, não se teria que romper com a ideia de conceitos que necessitam exclusivamente das palavras? A via das palavras e das imagens não poderia torna-se uma via de mão dupla?

---

<sup>58</sup> Ricoeur, P. O processo metafórico como cognição, imaginação e sentimento. Tradução: Franciscus W.A.M. van de Wiel. In: Sacks. 1992.

### 3.2. MITOLOGIA BRANCA E A METÁFORA VIVA

Derrida, na *Mitologia Branca*<sup>59</sup>, realça o apagamento da metáfora no palavras. Refere-

<sup>60</sup> decorrente do apagamento do sentido original da palavra a novos sentidos adicionados à mesma palavra. O que seria a usura e supressão do metafórico na filosofia?

conceito. Restabelecer o que havia sido desgastado. Aquilo que está lexicalizado pela Derrida, será novamente deslexicalizado e assim seu conceito é também alterado.

Essa discussão é bastante singular em Ricoeur e Derrida. O ponto nevrálgico é a constituição da filosofia e sua autonomia. Não seria a concepção de conceito que está em questão

hermenêutica, Ricoeur não está apresentando uma teoria da imagem e da imaginação como instrumento de interpretar o discurso filosófico? A questão é a seguinte: como pode haver uma convivência entre a imagem, figura de linguagem, e o conceito filosófico, palavra/signo? Ricoeur confronta Derrida, no capítulo VIII de *A Metáfora Viva*, referindo-se a duas afirmações principais. A primeira versa sobre a origem da referência do termo metafórico, ou seja, ao fato de que toda palavra tem origem em uma imagem, desse modo, foca-se o nascimento do metafórico além do uso do conceito de usura, já que, ao invés de uso, Derrida ressalta o abuso. Outra afirmação seria o paralelo

reconhecimento e, ao ser percebido, identifica-se o abuso, resultando na afirmação de

Na desconstrução derridiana, o próprio conceito é destruído e, com ele, a filosofia. Se o conceito não assegura a verdade, nem a referência e muito menos a essência da palavra, então ele não consegue manter-se como conceito. Se o conceito for a base da filosofia e for algo que não permanece, tudo estará destruído. Pois aquilo que parece reanimar a metáfora que perdeu vida, busca novamente a imagem originária que dava sentido à palavra. A intenção de Ricoeur em *A Metáfora Viva* é justamente contrária, pois sustenta que a metáfora é empregada como uma forma de assegurar o discurso filosófico. Segundo ele, o mal entendido de Derrida está em não entender o paradoxo que está por trás do metafórico.

O paradoxo é este: não há discurso sobre a metáfora que não se diga em uma rede conceitual metafóricamente engendrada. Não há lugar não-metafórico donde se perceba a ordem e a clausura do campo metafórico. A metáfora se diz metafóricame

testemunha essa recorrência da metáfora. A teoria da metáfora reenvia circularmente à metáfora da teoria, a qual determina a verdade do ser em termos de presença. Desde então, não pode haver princípio de delimitação da metáfora, não há definição cujo definidor não contenha o definido; a

metaforicidade é absolutamente não-controlável. O projeto de decifrar a figura no texto filosófico destrói-se a si mesmo, é necessário antes o a *condição de impossibilidade* (Ricoeur, 2005, p. 442).

Segundo Ricoeur (2005, p.443) Derrida ao questionar da possibilidade de

o estatuto de Filosofia. Ele interpreta que: se a não controlável

Derrida coloca a metáfora na esfera da metafísica no momento que quer definir a essência de metáfora . Essa

discussão será explorada mais adiante, já que a interpretação apresentada por Ricoeur (2005) é passível de questionamentos, visto que Derrida, em *A Mitologia Branca* (1991, p. 282)

um nome, em vez de designar a coisa que o nome deve habitualmente designar, transporta-

E que existe a léxis e nela a metáfora na medida em que o sentido do que é dito ou pensado não é o próprio fenômeno. Há metáfora apenas na medida em que alguém é suposto manifestar por uma enunciação tal pensamento que (Derrida, 1991, p. 273). Ou seja: a

ideia de Derrida é a de que a metáfora é a imagem da passagem que transporta a percepção da física (a percepção sensível) à metafísica (não sensível, inteligível). O que Ricoeur não considera ao criticar Derrida.

Faremos um contraponto entre Ricoeur e Derrida no intuito de a partir do conflito entre eles compreender alguns pontos que podem ser evocados sobre a filosofia e a metáfora, tendo visto que ao aprofundar o estudo sobre os dois autores verifica-se que ambos não divergem muito sobre o que pensam sobre a metáfora. Porém, Derrida se apega em *A mitologia branca*, às consequências do uso da metáfora na filosofia. O que não preocupa Ricoeur, pois, para ele, a imagem não macula, em nenhum sentido, o que se entende por filosofia. Considerando que, em sua hermenêutica, a imagem e a imaginação tem lugar de modo equivalente ao que ocorre com a metáfora, ou seja, a

fazendo com que o entendimento se



dificuldade em coabitar a filosofia e a metáfora, uma vez que o conceito busca definir o mundo, ao passo que a metáfora rege o indefinível. Como superar essa dificuldade básica? São dois os caminhos a serem percorridos nesse sentido. Um deles vai de encontro à filosofia ou, ainda, ao discurso filosófico, e o outro leva-nos à metáfora, mais

O discurso filosófico, segundo uma certa tradição, utiliza-se da metáfora de forma ornamental, ou seja, usa metáforas com significados já determinados e

termo pelo outro, resultado do uso habitual e que nada acrescenta à cognição. Outra forma de recurso à metáfora é o de extensão, emprego frequente devido à falta de vocábulos que designem a especificidade que se busca ao utilizar um termo particular. Neste caso a figura de linguagem expressa mais do que um sentido, indica um significado ampliado e específico. Trata-se de uma motivação etimológica, onde, em virtude da falta de outro vocábulo no idioma em que se escreve, empregam-se aqueles que, nesse sentido, estavam esquecidos. O que estava já lexicalizado ou bem aceito em conceitos que eram traduzidos a outra língua por seu



A partir da ideia da metáfora desgastada, no sentido de enriquecer a própria filosofia. Sobre a acusação de retornar à metafísica, nega em algum momento ter crido na existência de algo semelhante. Um ponto de divergência entre os dois autores é sobre a possibilidade de a filosofia versar sobre a metáfora, questão levantada por Derrida e preterida por Ricoeur, que nunca colocou em dúvida essa possibilidade. Jean-Luc Amalric, ao comentar a divergência entre os dois filósofos, afirma que o pensamento de Derrida posiciona o conceito filosófico como Nietzsche, colocando-o de modo

.31). Ou seja, defende o uso de metáforas como um modo de superar a gramática que engessa a linguagem. Porém, denuncia o modo como Nietzsche desconstrói a metafísica, onde o filósofo assume a metáfora como totalmente independente de uma composição sintática, isto é, sem as peias de uma sintaxe gramatical. Para Derrida isso não é possível, pois a inscrição de toda metáfora liga-se às regras que regem a escrita. Sustenta, ainda, o argumento de rebatido por Ricoeur,

lexicalizada, desqualificando-a. Esse debate reduz-se a três ensaios: 1) *A mitologia Branca*, 2) *A Metáfora Viva*, e 3) *A Retirada da metáfora*, onde, na primeira, Derrida apresenta seu pensamento sobre metáfora e a possível destruição da filosofia, no segundo, Ricoeur faz um estudo sistemático sobre metáfora e critica o ponto de vista de Derrida, no terceiro, Derrida defende-se das críticas de modo educado e mais nada é publicado sobre a polêmica por nenhum dos dois pensadores. Mas o que se observa é que, quanto mais claros ficam os pontos de divergências, mais o pensamento dos dois se aproxima, como diz Amalric:

Ricoeur não só teria perdido seu objetivo [a crítica à *Mitologia branca*], mas também, ao esclarecer alguns equívocos, seria possível ressaltar verdadeiros pontos de acordo entre os dois pensadores. E, no entanto, o que gostaríamos de mostrar aqui, a fim de compreender melhor os *desafios* desta discussão sobre a metáfora, é que estes mal-entendidos de Ricoeur são realmente apenas "semi-mal-entendidos". Em outras palavras, se um acordo nominal entre Ricoeur e Derrida

tradicional da filosofia, considerando a metafísica como problema, Ricoeur está assumindo uma visão contemporânea de filosofia, a fenomenologia, particularmente. Tal discussão, apesar de parecer um equívoco, ainda merece atenção, porque ela

afórico. Em sua defesa, Derrida apresenta a seguinte

Por consequência, teria que parar bruscamente desviando ou derrapando. O faria se fosse possível. Mas o que eu estou fazendo neste momento? Eu levantei âncora e ia à deriva irremediavelmente. Eu tento falar da metáfora, dizer algo próprio ou literal sobre ela, tratá-la como meu tema; mas sou, devido a ela, se assim posso dizer, forçado a falar sobre ela *more metaphoricamente*, a seu modo. Eu não posso tratá-la sem lidar com ela, sem negociar com ela o empréstimo que faço para falar dela. Eu não posso produzir um tratado da metáfora sem tratá-lo com a metáfora, que de pronto parece intratável. (Derrida, 1978, p.210)

Ele revela que o que busca fazer é uma análise da metáfora de outro modo que não seja a partir dos autores britânicos (*more metaphoricamente*), como Ricoeur faz, procurando descrevê-la como objeto de pesquisa filosófica, como atesta a continuidade de sua discussão, *A Retirada da Metáfora* (1978).

Nenhum discurso filosófico seria possível, mesmo um discurso da desconstrução, caso se deixasse de assumir o que J. Derrida considera

meio destas figuras tem uma essência rigorosamente independente daquilo  
Falar metaforicamente da metáfora não é de modo  
algum circular, desde que a posição do conceito proceda dialeticamente da  
própria metáfora. (Ricoeur, 2005, p. 451)

Ricoeur afirma a importância do conceito no discurso filosófico e que a metáfora, ou melhor, forma circular. Se fosse circular retornaria ao mesmo, porém, a metáfora não nos leva ao mesmo, mas ao semelhante, ao outro. A denúncia de Ricoeur é a questão da verdade, isto é, aquilo que a

aparência do mundo e identificar a verdade, os metafísicos buscam uma linguagem sensível e pura, acreditando que, na origem, ela era mais genuína. Faz sentido considerar a referência original da palavra como a imagem que a deu origem, imagem esta não mais necessária para o entendimento de seu significado, porém a primeira cópia, mais próxima da perfeição platônica, a exposição prolongada do vocábulo à mó

-

disse Poliphilo a Aristo e, desse modo, distanciando-se cada vez mais da origem e da verdade. Porém, assim como a imagem é percebida pelos sentidos e estes nos enganam

e também nos afastam da verdade, também a palavra originária é a primeira e mais perfeita descrição da imagem que lhe deu origem. Ora, o conceito é constituído não por imagens, mas por palavras. O pensamento se faz por conceitos, a metáfora retorna à imagem. Como modificar isso? Como se constrói o discurso?

[...] O discurso especulativo é aquele que organiza as noções primeiras, os princípios, que articulam primordialmente o espaço do conceito. Se o conceito, tanto na linguagem ordinária como na científica, jamais pode ser eficientemente derivado da percepção e da imagem, é porque a descontinuidade dos níveis de discurso é instaurada, ao menos virtualmente, pela própria estrutura do espaço conceitual no qual se inscrevem as significações quando elas se separam do processo de natureza metafórica, do qual não se pode dizer que engendra todos os campos semânticos. É nesse sentido que o especulativo é a condição de possibilidade do conceitual. (Ricoeur, 2005, p. 460)

O especulativo fornece o horizonte, prepara o espaço do conceito. O discurso filosófico e científico constroem os argumentos de forma lógica e objetiva, são uma construção contínua onde um argumento é atado ao outro de forma coerente e clara. A imagem apresenta dois problemas, o primeiro deles é que só pode ser comunicada a partir das palavras, portanto, o esquema produzido a partir da imaginação transforma-se em palavras, estas completam-se em argumentos e estes em discurso. Enfim, são as palavras, as frases, os discursos que são comunicados. O outro problema apresentado pela imagem é a continuidade dos discursos criados virtualmente no pensamento. Se, entre um argumento e outro, tem-se que recorrer à imagem, há descontinuidade do fluxo dissertativo, resultando a incompletude de um raciocínio completo. O especulativo organiza-se em níveis de compreensão, separando as categorias, os gêneros, os elementos principais da argumentação, formando redes de significações constituídas em níveis, permitindo a constituição de discursos primeiros, aqueles articulados no nível conceitual, primeiro na ordem de fundação. A sistematicidade filosófica estaria em um discurso segundo, ou seja, um grau acima, pois necessita, para sua articulação, os intelecto e comunicado, por assim dizer,

uma expressão

universal é outro que o desdobramento de imagens que o acompanham, o ilustra

o teor de sentido. O especulativo é o próprio princípio de inadequação entre ilustração e intelecção, entre exemplificação e apreensão conceitual. Se a *imaginatio* *intellectio* é o do

o sentido e o def

que ilustra o que se quer dizer, aquilo que assemelha com o que permanece. A identidade está para entendimento assim como a semelhança para a imaginação. Além disso, a identidade funda a diferença, e não o inverso, uma vez que a semelhança pressupõe a identidade. Não são os exemplos singulares que nos levam aos conceitos universais. O universal não cabe no particular, todavia o particular cabe no universal. A imagem sempre é particular, não há uma imagem que reúna todos particulares, já o conceito é universal e é possível reunir todos particulares dessa ou daquela categoria ou espécie. Dessa maneira, a imagem evocada pela metáfora é particular, seu sentido está de acordo com o contexto. Por isso a transferência de um termo por outro atinge o entendimento de todo texto. A *imaginatio*

pretensas imagens mentais, mas também, e sobretudo, as assimilações e

2005, p.263). Desse modo, vê-se o alcance do discurso metafórico e a maneira pela qual a metáfora serve de meio para a formação dos conceitos. O conceito tem em si sua própria necessidade, não são necessários exemplos e imagens para sua compreensão e apreensão, porém, em sua elaboração, não se pode dizer o mesmo, pois, sem a imagem, o conceito não é visível/inteligível. O abstrato não é visível sem a mediação da imagem, mesmo que virtual, o conceito é metamorfoseado em algo mais próximo e sensível. A imagem é o poder de fazer visível (concreto e sensível) o que é inteligível (conceitual e abstrato). Estabelecendo conexões entre as tradições da metáfora e a imagem como

linguagem não só permitem pensar por conceitos como contribuem à formação dos mesmos.

Enfim, a discussão empreendida por Derrida e Ricoeur deixa claro o mundo vasto das metáforas. Derrida se preocupa com o estatuto da filosofia e o modo pelo qual o exercício conceitual pode incluir ou excluir a metáfora do meio filosófico, mesmo percebendo que é e sempre foi entremeado pelas expressões metafóricas. Ricoeur, por outro lado, também assume o uso da metáfora na filosofia desde os primórdios, mas busca explicar como a metáfora auxilia a própria filosofia a ser mais clara. Paul Ricoeur assume uma teoria da imaginação que participa do filosófico e auxilia na interpretação,

faz da metáfora algo propício à filosofia. Torna a metáfora um rico instrumento necessário à práxis hermenêutica e filosófica. Portanto Ricoeur e Derrida concordam em muitos pontos, inclusive percebendo a importância da metáfora no discurso filosófico. Enquanto Derrida diz que a metáfora desperta, aviva, buscando uma maneira impensada da filosofia, faz da filosofia um perguntar constante e um persistente reiniciar, um morrer e nascer ininterrupto, que fomenta a imagem e a imaginação pelo discurso figurado, Ricoeur afirma que a filosofia sempre é excitada pelo espanto, pela tenção e pela tensão, isto é, pelo semelhante que disputa tensionando o literal e o figurado, pela metáfora que atíça o imaginário e a imaginação, construindo uma teoria da imaginação a partir da compreensão e da explicação metafórica que o faz entender cada vez mais a metáfora e a imaginação no cenário filosófico. Portanto, a metáfora não tem somente um papel determinante no discurso filosófico, mas, no pensamento.

## CONCLUSÃO





Por fim, a grande contribuição da metáfora na filosofia ricoeuriana está na sua hermenêutica e na fundamentação de sua teoria da imagem e da imaginação. Como se o processo metafórico fosse um modelo hermenêutico, ou ainda, o modelo do círculo hermenêutico ricoueriano, a metáfora, a imagem, não só faz parte da filosofia como contribui de maneira significativa para a sua auto-compreensão.

## **BIBLIOGRAFIA**

#### 4.BIBLIOGRAFIA

AMALRIC, J.L. **Ricoeur, Derrida. O desafio de la metáfora.** Tradução Jennifer Rivera e Fabrizio Pineda. Universidad El Bosque:Bogotá Colômbia, 2012.

ARISTOTELES. **Poética.** Tradução Eudoro de Souza. São Paulo:Abril Cultural, 1973.

AZEVEDO E CASTRO, M. G. **Imaginação em Paul Ricoeur,** Instituto Piaget:Lisboa, 2002.

BARTHES, R. L'ancienne rhétorique [Aide-mémoire]. In: Communications, 16, 1970. Recherches rhétoriques. pp. 172-223. doi : 10.3406/comm.1970.1236 [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/comm\\_0588-8018\\_1970\\_num\\_16\\_1\\_1236](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/comm_0588-8018_1970_num_16_1_1236)

BARTHES, R. **O grau zero da escritura.** Tradução Mário Laranjeira, Martins Fontes:São Paulo, 2004.

BERGSON, H. **Introdução à metafísica.** São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Os Pensadores).

BLACK, M. Metaphor. **Proceedings of the Aristotelian Society**, New Series, v 55, p 273-294, 1955. Disponível em <<<http://www.jstor.org/stable/4544549>>>. Acesso em 25 out 2012.

BLACK, M. **Models and metaphors,** Cornell University Press:Ithaca, 1962

CÂNDIDO, A. **O estudo analítico do poema,** São Paulo:Humanitas Publicações, FFLCH/USP, 1996.

COHEN, J. **Estrutura da linguagem poética,** São Paulo:Cultrix, 1974.

DAVIDSON, D. What metaphors mean. **Critical Inquiry**, v 5, n 1, p 31-47, 1978. Disponível em <<<http://www.jstor.org/stable/1342976>>>. Acesso em 25 out 2012.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34,1992.

DERRIDA, J. La retirada de la metáfora. Colóquio Filosofia y metáfora, tradução Gabriel Aranzueque, Universidade de Genebra, 01 de Junho de 1978.

DERRIDA, J. A mitologia branca. A metáfora no texto filosófico. In: **Margens da filosofia**. Tradução Joaquim Torres Costa, Antonio M. Magalhães, Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papyrus, 1991.

DETIENNE, M. **Os mestres da verdade na Grécia arcaica**. Tradução de Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988

FONSECA, T.S.M.L. **O problema da linguagem em Nietzsche**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, Orientador: Carlos Alberto Ribeiro de Moura, 1994, São Paulo.

FREGE, G. **Lógica e filosofia da linguagem**. Tradução Paulo Alcoforado. São Paulo: Cultrix, 1978.

FREGE, G. The thought: a logical inquiry. **Mind**, New Series, v. 65, n. 259, p 289-311, 1956. Disponível em <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/2251513?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21101307480601>>. Acesso em 25 out 2012.

GALLO, S. Filosofia e o exercício do pensamento Conceitual na educação básica, *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 22, n. 44, p. 55-78, jul./dez. 2008

GARCIA, A.L.M.